


tempo e presença

Nova fase • Publicação de KOINONIA • Nº 280 • março/abril de 1995 • R\$ 2,50

da sedução
do carisma
do silêncio



ROUBO DA SEDUÇÃO

Nestas últimas décadas tem-se dado importância primordial à análise objetiva, à exatidão dos dados, às afamadas mediações científicas, enfim o culto da racionalidade nas percepções dos processos sociais. Não se tem percebido, entretanto, que se trata do domínio de uma estranha forma de sedução.

O proclamado desenvolvimento econômico, que pretende criar uma sociedade caracterizada e organizada como um imenso mercado consumidor, tem como um dos seus pressupostos que o mais importante, significativo, mobilizador, é incentivar o desejo de consumir. Cria-se um "consumidor obediente", dá-se-lhe a ilusão de que pode pensar, julgar e agir sem atentar para sua condição de protagonista de um processo histórico. É o auge da sedução por objetivos, pela mercadoria. "Assumindo esta imagem de si, os indivíduos perdem não só o interesse pela política, tornam-se incapazes de fornecer respostas a problemas afetivos, sexuais, morais, familiares, religiosos, etc., que não se deixem formular na linguagem da predição e do controle científicos típicos da esfera dos objetos" (Jurandir Freire Costa).

Mas a sedução é muito mais do que a arte de manipular as vontades, para satisfação dos mais diversos interesses econômicos, políticos, religiosos. "A sedução é talvez a paixão pelo enigma da vida sempre maior do que todos os poemas, sempre mais além do que todas as filosofias... A sedução é a religião... é aquela paixão dos insatisfeitos, dos que buscam sem cessar e paradoxalmente quase nunca encontram o que buscam e nunca se saciam de buscar..." (Ivone Gebara).

Entretanto, estão querendo roubar essa sedução das nossas vidas, instrumentalizando-a, para a construção de uma sociedade que faz das regras econômicas a matriz das regras éticas, excluindo a solidariedade, a fraternidade e a gratuidade da convivência humana e com a natureza. "Poetas e poetisas choram não apenas o roubo do céu estrelado, da lua, das florestas, dos rios, da alma do povo, mas choram o roubo da sedução... aquela sedução que faz aflorar os diferentes, que cria versos de amor e contos de fada" (Ivone Gebara).

Outra vertente, do questionamento da exclusiva perspectiva da racionalidade na compreensão da sociedade, é o mistério do

carisma. É força que atrai as pessoas e fascina os espíritos, que desperta as pessoas da letargia do cotidiano. "Quando alguém, sabe abrir-se ao dinamismo do imaginário e ao mesmo tempo mantém os pés no chão, quando assume seu cotidiano e o vivifica com injeções de novidade e de criação, então começa a irradiar uma rara energia interior. Dela sai força da expressão. Emerge a singularidade pessoal. Há luz e brilho na vida, originalidade no que propõe e criatividade em suas práticas" (Leonardo Boff).

Quando se intenta globalizar tudo — a economia, a cultura, a comunicação, a religião — paradoxalmente ganha força a valorização da imensurável riqueza e da inesgotável fonte de inspiração que se bebe na solidão e no silêncio. Numa civilização das massas, da plastificação das vontades, ressurgem o valor do místico, da interioridade, da individualidade, do recolhimento. Não se trata do culto ao individualismo que é egoísta, rancoroso, voltado para si mesmo. "Solidão é o ar que se respira quando se entra nas paisagens das almas... Os textos sagrados dizem que os santos, quando desejavam testar a alma entravam pelo deserto e ficavam na solidão: sabiam que era ali que as coisas mais profundas da alma, as mais belas e as mais terríveis afloravam" (Rubem Alves). "Quem crê aprende a conviver com a solidão. Não há solidão sem silêncio. Não se trata apenas de ficar calado. O verdadeiro silêncio não pode ser mutismo ou fechamento interior... A melhor moldura do silêncio é a comunhão e a solidariedade" (Marcelo Barros).

Extremamente questionador do frio raciocínio e das definitivas explicações científicas os fenômenos do transe, da possessão e do arrebatamento espiritual continuam cada vez mais presentes na atual sociedade. Classificam-se esses fenômenos como conduta aberrante, patológica, anormal, ou fruto de uma bem sucedida manipulação ideológica ou religiosa. Interpretações que não satisfazem mais aqueles que estão abertos a novas perspectivas e concepções.

Esta TEMPO E PRESENÇA proporciona continuidade às reflexões apresentadas no nº 275: "Da Arte, Da Festa, Da Mística" (maio/junho de 1994) e espera contribuir para ampliar os horizontes na compreensão do atual momento.

SUMÁRIO

Fascinação

- 5 A SEDUÇÃO DOS OBJETOS
Jurandir Freire Costa

- 9 SEDUÇÃO
Ivone Gebara

Dom

- 12 O CARISMA É UMA FORÇA CÓSMICA
NAS PESSOAS
Leonardo Boff

Mistério

- 15 A SOLIDÃO
Rubem Alves
- 19 SEGREDOS DA SOLIDÃO
QUE O SILÊNCIO VEM CONTAR
Marcelo Barros

Possessão

- 23 DELÍRIOS NO JARDIM DE DEUS
Ordep Serra

Êxtase

- 27 PERIPÉCIAS DO AMOR
Rafael Soares de Oliveira

Homem

- 31 A CONDIÇÃO MASCULINA
Sócrates Nolasco

Amazônia

- 33 RADARES AVARIADOS
Márcio Santilli

África

- 36 O RESSURGIMENTO
DO ISLAMISMO
- 37 ÍNDICE DE TEMPO E PRESENÇA
1994

Bíblia hoje

- 41 "TU ME SEDUZISTE, JAVÉ,
E EU ME DEIXEI SEDUZIR"
José Adriano Filho

Resenha

- 43 A RENÚNCIA AOS ESTEREÓTIPOS
Carlos Alberto Messeder Pereira

Sedução — O conceito de sedução pode ser analisado sob diversas perspectivas. A sedução dos objetos, do corpo, da vida, do amor,... A sedução é fundamental na vida de todos nós. Apresentamos duas belíssimas reflexões sobre o tema nesta edição. **FASCINAÇÃO (5).**

Carisma — De uma forma original e bastante inovadora o fenômeno do carisma é analisado, relacionado-o com uma síntese cósmica que se vai criando nas pessoas. Veja como Leonardo Boff, mais uma vez, inova tratando da questão tão misteriosa, quanto antiga. **DOM (12).**



Everaldo Rocha / Imagens da Terra

Solidão — Ainda têm sentido a solidão e o silêncio no mundo marcado pela cultura de massas e pelo apelo às multidões? Vista de diversos ângulos, Rubem Alves e Marcelo Barros mostram os lados inspiradores e maravilhosos dos momentos de recolhimento e interioridade. **MISTÉRIO (15).**

Possessão — O transe, o arrebatamento espiritual, a possessão, fenômenos presentes em muitas culturas e religiões, apresentam algumas particularidades distintas no Brasil e ganham outros significados nos dias atuais. Fugindo das simplificações e das interpretações preconceituosas essas manifestações são tratadas à luz da antropologia, da cultura e da poesia. **POSSESSÃO (23).**

SIVAM — Denúncias e debates têm marcado o projeto de instalação de um sistema sofisticado de vigilância da Amazônia. Informações detalhadas mostrando as implicações estratégicas desse projeto vão apresentadas de forma clara e atualizada. **AMAZÔNIA (33).**

Biblioteca - Koinonia

(X) Cadastrado

(X) Processado

tempo e presença

Nova fase — Revista bimestral
de KOINONIA
Março/abril de 1995
Ano 17, — nº 280

KOINONIA Presença Ecológica e Serviço

Rua Santo Amaro, 129
22211-230 Rio de Janeiro RJ
Telefone (021) 224-6713
Fax (021) 221-3016

Rua Pinheiros, 706 casa 6
05422-001 São Paulo SP
Telefone/fax (011) 280-7461

CONSELHO EDITORIAL

Carlos Rodrigues Brandão
Emir Sader
José Oscar Beozzo
Heloísa de Souza Martins
Leonardo Boff
Luiz Eduardo Wanderley
Márcio Santilli
Marília Pontes Sposito
Milton Schwantes
Paulo Schilling
Regina Reyes Novaes
Rubem Alves

COORDENADORA DA UNIDADE
DE COMUNICAÇÃO
Magali do Nascimento Cunha
MTb 011-233

EDITOR

Jether Pereira Ramalho

EDITORES ASSISTENTES

Beatriz Araújo Martins
Paulo Roberto Salles Garcia

EDITORA DE ARTE E DIAGRAMADORA

Anita Slade

REDATOR

Carlos Cunha

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO

Beatriz Araújo Martins

CAPA

Vanda Freitas

PRODUÇÃO GRÁFICA

Supernova

FOTOLITO DA CAPA

Studio Portinari

FOTOLITOS E IMPRESSÃO

Clip

Os artigos assinados não
traduzem necessariamente
a opinião da Revista.

Preço do exemplar avulso
R\$ 2,50

Assinatura anual
R\$ 15,00

Assinatura de apoio
R\$ 20,00

Assinatura/exterior
US\$ 50,00

ISSN 0103-569X

Quero parabenizar a cada um de vocês pelos assuntos tão interessantes e atuais que a revista TEMPO E PRESENÇA está tratando — os aspectos econômico, social, político, cultural e ecumênico — tudo ajuda o leitor a entender a conjuntura e a se situar neste nosso tempo tão complexo e tão problemático. Parabéns! Pena que em nossas comunidades não vivemos a dimensão ecumênica assim como é apresentada na revista. Os tempos que vêm por aí, o neoliberalismo reinante..., vão pedir uma frente única de todas as religiões comprometidas com a Paz e a Justiça do Reino de Deus.

Meliní Ana Maria
Goiânia/GO

Aproveito a oportunidade para reforçar o meu crédito à revista TEMPO E PRESENÇA. Estou certo de que o conteúdo desta muito contribui para a caminhada de nossas comunidades: "protagonistas do novo céu e nova terra". Em tempos de exaltação do neoliberalismo idiota e burro, é preciso fortalecer iniciativas e alternativas que buscam o bem comum da comunidade, do coletivo. Aí sim, teremos

a subjetividade, o sujeito valorizado na totalidade. Axé!

Amarildo Bambinetti
Florianópolis/SC

Como futuro geógrafo, necessito fazer parte novamente do inteligente grupo de leitores da revista TEMPO E PRESENÇA, que sempre vem refletindo sobre os grandes temas da atualidade com sabedoria e imparcialidade. Desejo que continuem sempre a "pensar o espaço", para uma maior organização em prol de combatermos todas as injustiças existentes em nossa sociedade.

Paulo Roberto Oliveira Lima
Tanquinho/BA

Quero parabenizar a equipe de coordenação da revista TEMPO E PRESENÇA pelo brilhante trabalho de formação de consciência que oportuniza desenvolver nos seus leitores. Desejo à equipe coragem de buscar, no intrincado jogo da sociedade em que vivemos, os elementos que ajudem a construir uma nova concepção de homem, de mundo.

Maria do Carmo Montegutti
Campos de Jordão/SP

Recebi duas cartas insistindo na renovação da assinatura. Relutei um pouco, porque agora estou morando e trabalhando no Instituto de Pastoral de Juventude (IPJ), que já assina a revista. No entanto, TEMPO E PRESENÇA estava fazendo falta na minha mesa, entre "minhas coisas", onde posso ler, reler, sublinhar...

Rui Antonio de Souza
Porto Alegre/RS

Escrevo-lhe com muito carinho pois a revista TEMPO E PRESENÇA é um meio de partilhar conhecimentos, reflexões e vivências que nos envolve diariamente. Faz questionar nossas práticas e ao mesmo tempo nos leva a pensar e sonhar na Grande Utopia que é o projeto de Deus, que é "vida" e "vida em plenitude". Gosto muito dos textos, de modo especial os de Rubem Alves, que nos leva a imaginar um novo jeito de ver e criar o mundo onde nos encontramos. Continuem neste serviço e ocupando o espaço de comunicação que está ao alcance de vocês e que é partilhado conosco.

Nalci Maria Provensi
Abelardo Luz/SC

SEJA ASSINANTE DE TEMPO E PRESENÇA

e tenha em mãos uma publicação singular. São páginas que nestes mais de quinze anos se renovaram e se constituíram referência indispensável para todos os que se têm comprometido com a construção de uma realidade melhor. E se recusam a admitir silenciosos as imposições de uma democracia não-democrática, e de um mundo que não desejamos.

FAÇA AINDA HOJE SUA ASSINATURA, por apenas R\$ 15,00. Caso queira se tornar um assinante de apoio, envie-nos R\$ 20,00. Cheque ou vale postal para:

KOINONIA Presença Ecológica e Serviço
A/C Setor de Distribuição
Rua Santo Amaro, 129 Glória 22211-230 Rio de Janeiro RJ
Tel. (021) 224-6713 Fax (021) 221-3016
Exclusivamente no Rio de Janeiro.

A SEDUÇÃO DOS OBJETOS

Jurandir Freire Costa

O predomínio massacrante das discussões econômicas na vida social mostra o quanto objetivos circunscritos à esfera da produção e do consumo monopolizam os meios de formação da opinião pública. Pela sedução dos objetos simplificam-se

a pluralidade e a complexidade da interação humana, criando-se a ilusão de que se pode pensar, julgar e agir sem responsabilidade com as conseqüências históricas desses atos. De forma desafiadora e interpeladora, o autor analisa o significado da sedução dos objetos

A palavra sedução pode ser usada com vários sentidos. Dois deles interessam especialmente ao propósito desta análise. No primeiro, ela significa o ato de fraude ou violência que submete o sujeito às intenções do sedutor; no segundo, é a manobra que leva o seduzido a aceitar as intenções de quem o seduz. O primeiro uso do termo mostra a faceta passiva, e o segundo a participação ativa do seduzido. As duas situações são polaridades esquemáticas, criadas com fins explicativos, e não excluem formas de sedução em que passi-



Marcelo de Oliveira / Imagens da Terra

vidade e atividade estejam simultaneamente presentes.

Circuito sedutor. Como quer que seja, falar de sedução, da maneira acima mencionada, implica reconhecer a necessidade de sujeitos para que o circuito sedutor exista. Como, então, empregar e dar sentido à expressão “sedução dos objetos”? O objeto pode seduzir? A sedução não seria uma propriedade da interação entre indivíduos?

Uma forma de compreender o que significa a expressão é dizer que o objeto é um instrumento a serviço da realização da intenção do sedutor. Um sujeito A deseja seduzir o sujeito B e, para tanto, oferece tal ou qual objeto capaz de atrair o desejo do sujeito B. O objeto em si não seduz, é simplesmente o meio para que um fim subjetivo seja atingido. O seduzido, passivo num primeiro momento, consentiria ativamente em aderir às finalidades do sedutor em função do fascínio exercido pelo objeto-instrumento da sedução.

É assim que usualmente compreendemos a palavra sedução quando referida ao consumo de bens e serviços nas modernas sociedades industriais. Dizemos que os objetos ou mercadorias são consumidos porque respondem a um desejo prévio, espontâneo, de consumir, ou porque a publicidade cria o desejo dos produtos postos à venda. A propaganda, portanto, estimularia a voracidade consumista baseada em “desejos naturais” do indivíduo ou no “desejo da mercadoria”, fruto dos artifícios publicitários.

Creio que, de fato, essa manobra sedutora existe na sociedade de consumo, porém é apenas parte do mecanismo em jogo na montagem da sedução consumista. Ilustra, sobretudo, o momento histórico em que as sociedades ocidentais ainda levavam a sério o político. Isto é, o período em que pala-

Os que mandam e os que obedecem são convencidos de que, realmente, a única coisa capaz de mobilizar multidões é o desejo de consumir

vras como democracia, bem comum etc, eram postas no topo dos ideais morais de governantes e governados. Nessa etapa, o tempo da produção e do consumo era visto como precondição do viver democrático. O bem-estar material era desejado porque significava respeito ao direito que todos tinham de ter uma vida digna, com vistas a realizarem seus melhores objetivos. A economia capitalista controlava a reprodução material da sociedade, não o universo de valores. O cidadão ou o sujeito moral competia com o consumidor. Por essa razão, fazia sentido querer seduzi-lo, levando-o a ver, na posse de objetos de consumo, um alvo importante de sua existência social. Outra coisa é a sedução do objeto quando o indivíduo converteu-se quase totalmente em consumidor.

O exemplo do Brasil. A sociedade brasileira, como o resto do Ocidente, vem abandonando os ideais políticos da tradição democrática. Política deixou de ser invenção alternativa de mundos mais livres e justos para significar administração de necessidades das empresas capitalistas. O predomínio massacrante das discussões econômicas na vida social mostra o quanto objetivos circunscritos à esfera da produção e do consumo monopolizam os meios de formação da opinião pública. Um rápido olhar para o noticiário cotidiano demonstra o que quero dizer. A cada crise da moeda ou recrudescência

da inflação, seguem-se receitas do tipo “aumente-se o consumo”, “restringa-se o consumo”. Ninguém pergunta o que isso quer dizer. Entretanto, é neste contexto que a expressão “sedução dos objetos” ganha sentido.

Hoje, perguntar o que medidas econômicas do tipo acima descrito podem significar, parece estapafúrdio. Aparentemente tudo é óbvio, já que se trata de resolver problemas de desenvolvimento econômico. No entanto, o emprego freqüente desse vocabulário revela um enorme desprezo pelo sujeito como ser moral. Não porque os governantes sejam intencional ou conscientemente desumanos, mas porque o modo de vida dominante exige que vejamos “seres morais” como “consumidores”. Esta crença não é gratuita, tem razão de ser. Assim, quando a imprensa mostra as imensas filas de pessoas “reagindo positivamente às medidas de liberação do consumo”, os que mandam e os que obedecem são convencidos de que, realmente, a única coisa capaz de mobilizar multidões é o desejo de consumir. Gestores e geridos reforçam mutuamente a crença de que existimos para freqüentar *shopping-centers*, supermercados e saturar-nos diariamente com propaganda de mercadorias.

O consumidor obediente. Essa crença, contudo, tem seu preço. Para que o consumidor seja um elo eficiente na cadeia de produção e circulação de mercadorias, deve ser previsível e controlável. Seu perfil ideal é incompatível com sentimentos, pensamentos, julgamentos e ações imprevisíveis. Tenta-se, desse modo, impor à cultura uma imagem normativa do indivíduo que é o “consumidor obediente”, ou seja, aquele que trabalha, faz compras, volta para casa, assiste a televisão e usufrui do lazer programado pela indústria e

MORALIZAÇÃO DA LIBERDADE

Uma sociedade que estrutura sua ética a partir do individualismo torna impossível qualquer idéia de valor ético universal. Ou melhor, os interesses individuais (econômicos, sociais e políticos) são transformados em critérios de valores morais. Neste sentido, a relação entre ética e política é rompida: de um lado, a ética é posta como pertencendo à vida privada (valores individuais); do outro lado fica a política como pertencendo apenas à esfera da vida pública: não há política na vida individual nem ética na vida pública. Uma sociedade que lida apenas com interesses individuais abole nosso valor mais alto que é a liberdade. Ora, a liberdade é um valor ético justamente porque é um valor político, e, portanto, universal. No lugar da politização da liberdade, o que vemos hoje é sua moralização. Um exemplo evidente da "ética individualista" é a transformação do cidadão em consumidor apenas: vemos diariamente nos jornais e TVs enormes matérias sobre "defesa do consumidor": só se fala em compra, venda, descontos, liquidação... e quase nada sobre cidadania e liberdade. Sabemos que a competição é a lei maior do mercado e é transformada em valor moral, concretizada nos objetivos de vitória e derrota. Torna-se, portanto, moralmente justificável qualquer ação que conduza à vitória. Esse "valor" leva para o campo da ética um dos preceitos mais perigosos e detestáveis ("os fins justificam os meios"), uma vez que, na competição, qualquer meio é considerado bom se for eficaz. Seguindo a lógica do mercado e dos interesses individuais, desaparecem, inevitavelmente, os ideais que fundam a ética em qualquer tempo e em qualquer lugar: a liberdade, a justiça e a felicidade.

Fonte: JB, 26/3/95.

pelo comércio do ócio. Nisto deve resumir-se sua autonomia. Inventar, inaugurar, modificar, etc, são privilégio dos técnicos em *marketing* ou das elites intelectuais e culturais. O consumidor obediente deve ter competência para escolher entre duas ou três marcas de mercadorias, e o único conflito que deve aprender a solucionar é o da privação x satisfação da ânsia de consumir.

Porém, se a principal tarefa do sujeito é a de consumir e não a de decidir o que é eticamente desejável para si e para os outros, então qual a vantagem de se pensar por si próprio? Os técnicos e especialistas são mais competentes nesta matéria! Na sociedade de consumo, o objeto seduz porque funciona como modelo para a própria imagem do indivíduo. É esse o sentido forte da "sedução dos objetos". Simplificando a pluralidade e a complexidade da interação humana, a prática do consumo dá ao sujeito a ilusão de que pode pensar, julgar e agir sem responsabilidade para com as consequências históricas de seus atos. Assumindo esta imagem de si, os indivíduos perdem não só o interesse pela política; tornam-se igualmente incapazes de fornecer respostas pessoais a problemas afetivos, sexuais, morais, familiares, religiosos, etc, que não se deixem formular na linguagem da "predição e do controle científicos", típicos da esfera dos objetos. E, quando o problema ainda não foi cientificamente resolvido, a saída é o apego ao que existe de mais conservador na cultura. Novidade, só a moda dita pelo hábito do consumo.

Ideologia do mercado. Mas, como tantas outras ficções ideológicas do passado, o consumidor obediente é um fetiche fabricado na exata medida da ideologia que lhe deu origem. Assim como o "santo" da era católica da Inquisi-

ção; o "ariano puro" do nazismo; o "proletário revolucionário" dos marxismos stalinistas, etc; o consumidor obediente é um sujeito inventado para dar credibilidade à ideologia do mercado. Em última instância, ninguém é nem pode comportar-se como consumidor ideal, embora quase todos contribuam para a perpetuação deste mito no imaginário cultural. Porque são seres de linguagem, os indivíduos tendem a ser indisciplinados, isto é, a modificarem constantemente suas crenças e desejos, de maneira não-prevista.

Para dar conta das anomalias que fogem ao modelo, criam-se, como sempre, as figuras do "desviante". Duas destas são particularmente eficazes entre nós. A primeira, por insensata que possa parecer, é a figura do "brasileiro". Se, em vez de comprar alimentos, o indivíduo compra televisores; se em vez de poupar e contribuir para as reservas do País, entrega-se à orgia dos produtos importados; se, em vez de colaborar com a queda da inflação, compra roupas da moda a qualquer preço, etc; é porque o consumidor "é brasileiro"! Ou seja, é irracional, incapaz e inferior, nos costumes e modos de pensar, ao europeu, ao americano ou ao japonês. Tudo daria certo no Brasil se o consumidor "não fosse brasileiro"!

A segunda figura é a do marginal. Porque não pensam um só segundo no que significa produzir e consumir supérfluos num país miserável e desigual, os técnicos do consumo e os "consumidores", copiando o que chamam de "primeiro mundo", não hesitam em desmoralizar o valor e a ética do trabalho, pagando salários obscenos a trabalhadores e incentivando a moral da posse a qualquer custo. Se o trabalho nada vale, nem moral nem materialmente, e se o que conta é o consumo e a ostentação, por que não ser flanelinha, banda-



Marcelo de Oliveira / Imagens da Terra

UMA PERSPECTIVA ANTIGA

O mundo muda, as tecnologias se transformam e nós continuamos quase sempre presos a certa idéia lacaniana (Lacan) de abandono, de estarmos, assim, quase que atirados num mundo do qual pouco sabemos e no qual pouco conseguimos interferir. Deveríamos remeter-nos a outra idéia, a de que o mundo está assim, e de que o homem, da mesma forma, se está “re-culturando” nele e só por meio disso é que pode encontrar sua forma de intervir.

Adaptando-se às novas tecnologias, o homem desenvolve a

capacidade de propor novas soluções aos seus grandes e antigos problemas. Não estamos numa situação em que seremos devorados. Trata-se de mudar de perspectiva. O mundo está aí, contrapondo um discurso desestimulado e apocalíptico. É o que temos. Não dá para reclamar a volta do outro. Temos que atuar e, neste caso, não estamos nem mais inferiorizados nem mais prejudicados.

Fonte: Revista Atrator Estranho, nº 2, julho/93, SP.

lha, assaltante, corrupto, traficante de droga, especulador do mercado financeiro, etc?

Moral do consumo. Essas personagens humanas não são subprodutos ocasionais de troços inesperados na rota do mercado. São seqüelas inevitáveis da moral do consumo. Mostram o que pode vir a ser uma sociedade que se descreve e se organiza como um imenso mercado consumidor e não como um conjunto de indivíduos solidários em busca de uma vida melhor para todos. Neste tipo de sociedade, como a brasileira, a solidariedade torna-se impossível pelo fato de ninguém querer ser “brasileiro” ou “bandido”, já que todos querem ser consumidores.

Mas como o consumidor obediente só existe nos laboratórios dos tecnocratas e dos empresários espertos, todos são, aqui ou ali, “brasileiros” ou “bandidos”! Isto é, comportam-se como pessoas humanas que, não obstante terem perdido grande parte do sentido de compromisso com os outros, continuam assim mesmo surpreendendo, inovando e desobedecendo a previsões e cálculos imaginados para controlar objetos.

Resultado: Posto que a maioria não pode deixar de ser “desviante”, a complacência com o vício e a indiferença para com o País e com o coletivo dos cidadãos é geral. A “virtude social” do consumo tem como consequência uma ambigüidade constitutiva da auto-

imagem do cidadão: todos querem ser o que não são e não podendo ser o que gostariam de ser reagem com violência a tudo que evoca a responsabilidade ou irresponsabilidade de que não podem fugir. Os “brasileiros” são diariamente acusados de incompetência cívica pelos “europeus e americanos” que cada um de nós acha que é, no intervalo entre o suborno do guarda, a ida ao *shopping* ou a “cheirada” de cocaína. E, todos juntos, brasileiros, “europeus” e “americanos” unem-se para pedir o extermínio dos “resíduos humanos” ejetados pelo mercado que ajudam a construir: assaltantes, pivetes, mendigos, etc.

Dissolução. Este, penso, é o produto final da “sedução do objeto”. A mais sórdida crueldade convive com a “melhor das consciências”, num mundo absurdo e sem misericórdia. Mercado e objeto não secretam ética. Fazer de regras econômicas matriz de regras éticas tem como efeito a dissolução do corpo social em bandos violentos de sujeitos descomprometidos com ideais maiores de nação, povo, bem comum, etc. Sem estes ideais, nenhum consumo é capaz de regular as exigências requeridas pelas idéias democráticas de justiça, compaixão pelos mais frágeis, tolerância à diferença, etc. Isso é verdade para o Brasil e começa a tornar-se também para as democracias européias e americanas, hipnotizadas pela febre do mercado.

A sedução do objeto, a curto prazo, tranquiliza, porque nos exige de pensar no que é melhor para cada um e para todos; a longo prazo, determina a morte do que levamos séculos para inventar e preservar: o sujeito moral.

Jurandir Freire Costa é psicanalista e professor do Instituto de Medicina Social (IMS) da UERJ.

SEDUÇÃO

Ivone Gebara

Sedução: 1. Ato ou efeito de seduzir ou ser seduzido. 2. Qualidade do sedutor. É tudo o que o pequeno Dicionário Aurélio nos diz da sedução. Mas, que ato é este? Que efeito? Que qualidades tem o sedutor? E o seduzido? O que é mesmo “isto” que chamamos de sedução?

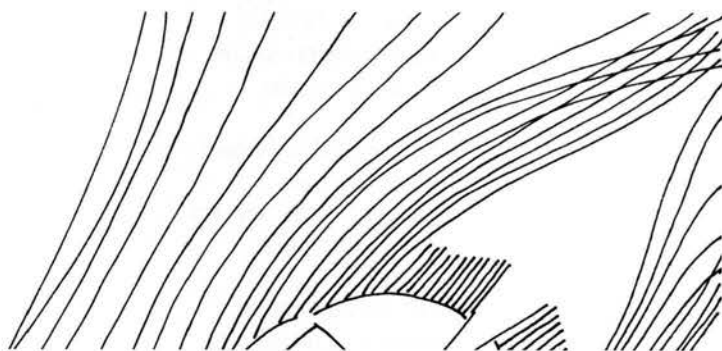
A sedução é um desses conceitos difíceis de explicar por si mesmos. Só pode ser captado no ato, na ação, na vivência, na experiência. E isso porque a experiência é o único lugar onde a sedução acontece de fato. E somos nós os seres humanos os seduzidos, os únicos “lugares” privilegiados de sedução, os únicos que acolhemos os efeitos e as consequências da sedução. E, é a partir do lugar concreto de nossa experiência, que toda a abstração, toda a reflexão, todas as elucubrações sobre sedução se tornam possíveis. A sedução é o nome aproximativo de uma experiência múltipla e variada, simples e complexa, de algo constitutivo de nosso ser. Por isso, sempre de novo nos perguntamos: o que é “isto” que chamamos de sedução?

Seria sedução apenas paixão, jogo de amor, jogo de ódio, atração fatal... ou a sedução é mais, bem mais, muito mais? Onde começa e onde termina? Estaria no olhar ou no ato de enxergar? Mas até os cegos são seduzidos! Seria alguém isento de sedução? Penso que não.

Viver, estar em vida já é extremamente sedutor, embora nem sempre pareça. Todas as pessoas lutam consciente ou inconscientemente por estar aí... em vida, nesta dura e espinhosa vida, nesta provisória aventura. Por mais que seja errada, diz o poeta Gonzaguinha, ela é bonita.

Apenas o desespero total, a sedução pela morte levam alguém a cortar-se prematuramente da vida... escolhe-se a morte porque esta frágil vida deixou de seduzir.

A sedução por “algo” embora se origine da mesma raiz humana não é totalmente identificável à sedução por alguém. A sedução por alguém tem algo na linha de reciprocidade e não é simplesmente um “bem” que adquiro para mim mesmo. O “bem” que adquiro ou desejo permanece de certa forma neutro diante de



mim, objeto de meu apetite, razão de minha paixão. Ele não reage a mim pessoalmente como sujeito, enquanto que o outro, a outra que me seduzem me fazem sair do círculo de minha paixão para iniciar outro tipo de conquista com uma qualidade relacional diferente. Apesar das distinções, a sedução é sempre sedução!

A sedução é talvez aquela “maionese com limão” que não me saía da cabeça e que me levou a deixar de lado a necessidade do pão e do feijão para comprá-la. A sedução é talvez aquele tênis Adidas tão bonito e anatômico que me levou a ferir o passante, interromper-lhe o seu caminho e possuir em meus pés o objeto sedutor?

A sedução é talvez o céu estrelado que o astrônomo observa, descobre-lhe alguns segredos, troca outros tantos com as estrelas sedutoras. A sedução é a luz dos boêmios e apaixonados... “é a lua furando nosso zinco e salpicando de estrelas nosso chão”.

A sedução é talvez a paixão pelo enigma da vida sempre maior do que todos os poemas, sempre mais além do que todas as filosofias... enigma sempre sedutor, amargamente sedutor, docemente sedutor, violentamente sedutor, misteriosamente sedutor.

A sedução é talvez o cuidado apaixonado com as margaridas, as rosas, as violetas... E seguir seu crescimento é sentir-lhe o perfume, o cheiro especial... é distinguir, acariciar, regar, estremecer ao podar.

A sedução é a religião... é aquela paixão dos insatisfeitos, dos que buscam sem cessar e paradoxalmente quase nunca encontram o que buscam e nunca se saciam de buscar. A sedução é a misteriosa atração pelo abismo, pela corda bamba, pelo precipício, pelas alturas e pelas profundezas. A sedução é atração pelas palavras, pelos sons, pelas cores... pelas combinações

O POETA

Olhos que recolhem
Só tristeza e adeus
Para que outros olhem
Com amor os seus.

Mãos que só despejam
Silêncios e dúvidas
Para que outras sejam
Das suas, viúvas.

Lábios que desdenham
Coisas imortais
Para que outros tenham
Seu beijo demais.

Palavras que dizem
Sempre um juramento
Para que precisem
Dele, eternamente.

Vinicius de Moraes

que elas sugerem, pela harmonia e ritmo que conseguimos com elas. A sedução é a atração pelos perfumes, pelos odores da comida caseira, pelo cheiro das pessoas amadas... Os perfumes provocam lembranças, fazem nascer saudades, tornam o passado nostalgicamente sedutor.

A sedução é o amor do amor, a insaciável sede de Absoluto... aquela sedução sem nome e ao mesmo tempo com muitos nomes.

A sedução é a paixão de Narciso, é o amor pela própria imagem... amor louco, desvairado, cego, potente, onipotente, freqüente, doente. Narciso rei, guerreiro, ditador, chefe, condutor, pastor, ator fazendo o mundo entrar na sua imagem, imaginando o mundo à sua imagem.

Seduzir, induzir ao erro... seduzir, atrair para a verdade... Seduzir, desencaminhar. Seduzir, encaminhar. Seduzir, cativar.

Seduzir, abalar as raízes, estremecer os corpos, enfermar-se de fascinação... reduzir o mundo a seu desejo, reduzir seu desejo à louca sedução...

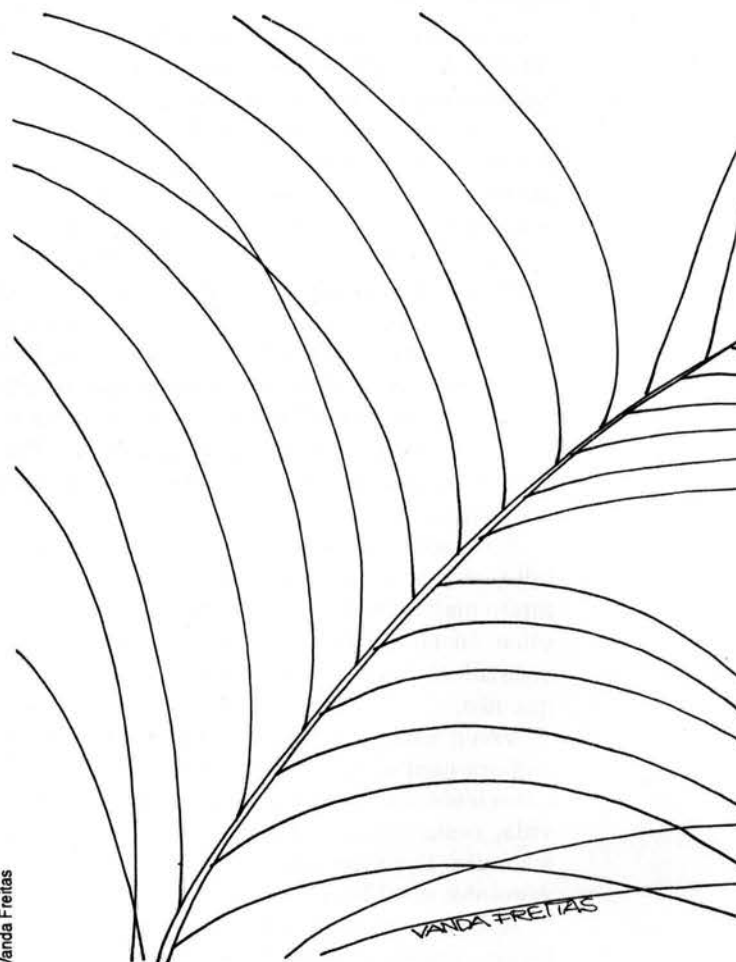
Sedução, ambivalente paixão, tão boa e tão ruim... tão justa e tão injusta... tão minha e tão sua. Sedução para além do bem e do mal, no bem e no mal... no animal, no cardeal... paixão descomunal!

Sedução... o corpo sente a dor da atração, a vertigem dolorosa do desejo, a desproporção entre o real e

o desejado. O desejado, felicidade suprema! O real, nada mais do que sofrimento, tensão, insatisfação, infelicidade.

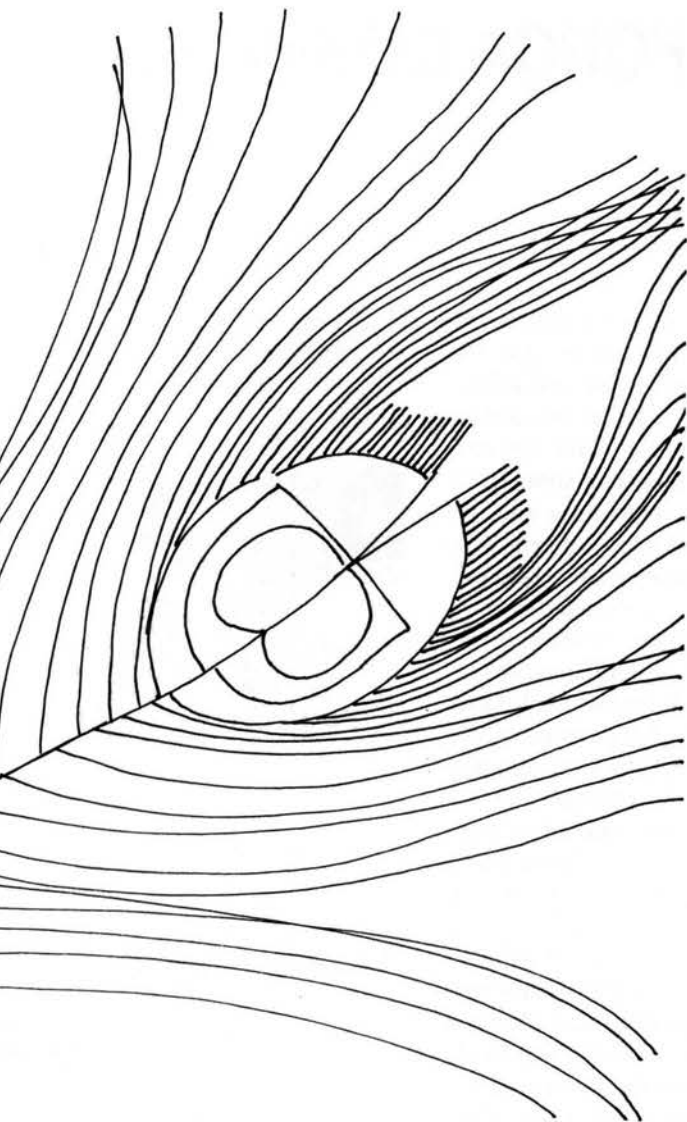
O corpo em estado de sedução ainda não goza. O gozo ainda não é certeza, é ainda expectativa, é tensão quase gozosa... Antevê o gozo, antegoza, degusta imaginativamente o prazer, luta por ele, fareja os odores que o atraem, arrisca-se desvairado pela irresistível atração do desejado.

O corpo em estado de sedução já não se pertence, se vendeu ao sedutor. Se entregou livremente ou sob coação... Está cheio de cobiça, de amor, de ódio, de uma mistura de paixões... Vive a dependência da sedução, a escravidão com gosto de conquista ou de derrota.



De onde nasce a sedução? Por que somos seduzidos e sedutores? Por que esta condição, esta prisão, esta ilusão, esta libertação?

Tudo acontece na sedução. A sedução é nossa condição. E a gente nem se lembrava mais disso! Nossos olhos atentos à objetividade, à ciência pura, às mediações científicas, aos métodos exatos, à racio-



uma fome, se levanta lentamente outra... Parece o movimento das ondas do mar... se levantam pouco a pouco, se tornam grandes, avolumam-se e arrebatam na praia... e então, as águas refluem de novo para preparar uma nova onda.

As pessoas sérias nunca se expõem à sedução. Não a integram na ciência, não falam dela como sua, como mediação de conhecimento e menos ainda como raiz de todo conhecimento apaixonado.

Na realidade, nos esquecemos que foi por sedução que Eva e Adão provaram o fruto proibido, que foi por sedução que Abraão caminhou pelo deserto, que foi por sedução que Jesus chamou de raposas aos poderosos, que por sedução o amor se torna carne. Nos esquecemos de que foi por sedução que a poesia e as artes nasceram... que os grandes amantes arriscaram suas vidas... que as ressurreições acontecem no cotidiano.

Nos esquecemos de que foi a sedução que moveu nossos grandes artistas, poetas e cientistas... de que foi a sedução que levou Saint Exupéry ao "vôo noturno" e acalentou a cativante paixão da raposa pelo "Pequeno Príncipe".

Sedução, primeiro capítulo da comunicação. Os donos dos meios de comunicação sabem bem que é preciso seduzir para convencer, que é preciso seduzir para vender. A sedução é usada então para a manipulação das vontades, para satisfazer os planos das minorias, para fazer-lhes sentir as maiorias dobradas a seus pés. A sedução é então encarcerada pelo poder, dominada pela tecnologia, manipulada pela ciência da comunicação de massas... Alienam-nos de nós mesmas (os), nos fazem desejar o que desejam, nos fazem querer o que não conhecemos, nos mostram o que não pedimos para ver. Vivemos tempos de escrava sedução!

Roubam-nos nossa força sedutora e a utilizam para fins que desconhecemos. O pior é que a maioria das vezes nem percebemos que estamos sendo roubados!

Poetas e poetisas choram não apenas o roubo do céu estrelado, da lua, das florestas, dos rios, da alma do povo, mas choram o roubo da sedução... aquela sedução que faz aflorar as diferentes, que cria versos de amor e contos de fada.

Poetas e poetisas fecham seus televisores e tentam buscar as estrelas no meio da poluição dos céus... Continuam seduzidos, tentando ver o "invisível"... Continuam dizendo em prosa e em verso:

"Sedução, tudo é sedução!"

Ivone Gebara é teóloga católica.

nalidade, permaneceram séculos vivendo em estado de sedução, mas esquecidos de seu nome. Ela estava lá, porém não era reconhecida.

Misturar a sedução, sentimento tão subjetivo, tão vil ou romântico à pureza do olhar objetivo era inadmissível. Não se falava da sedução de Kant, nem de Hegel, nem de Marx, nem de Freud... Não se falava da sedução de Einstein, de Eisenberg e menos ainda da sedução de Barth, de Tillich, de Rahner, de Gutierrez. A sedução podia ser estudada apenas como "objeto", como algo encontrável no ser humano sob diferentes formas.

No fundo, sedução parece com franqueza, não é muito racional! Sedução é coisa feminina, é coisa de bordel ou coisa de poetas que nada entendem de ciência. Sedução é coisa de propaganda, de comércio... Sedução é coisa frágil, volúvel, passageira... Satisfeito o sedutor, recomeça nova sedução. Apaziguada

O CARISMA É UMA FORÇA CÓSMICA NAS PESSOAS

Leonardo Boff

Afinal, quem são os carismáticos? Como entender o carisma numa concepção ampla, relacionando-o, mesmo, com a força cosmogênica? De uma forma original e extremamente instigante, quebrando antigos tabus e preconceitos arraigados essa questão é tratada neste artigo

O ser humano é o último ser de grande porte a entrar no universo. Carrega consigo a memória de todas as fases do processo cosmogênico anterior. Nele reboam, como de resto em todos os espaços siderais, as últimas reminiscências do grande pum que deu origem ao nosso cosmos. Nos arquivos de sua memória são guardadas as vibrações energéticas oriundas das inimagináveis explosões das grandes estrelas das quais vieram as supernovas e os conglomerados de galáxias, cada qual com seus bilhões de estrelas e planetas e asteroides. Nele se encontram ainda reminiscências do calor gerado pela destruição de galáxias umas contra as outras, do fogo originário das estrelas e dos planetas em seu redor, da incandescência da terra, do fragor das águas que caíram por 200 milhões de anos por sobre o nosso planeta até resfriá-lo, da exuberância das florestas

ancestrais; reminiscências da voracidade dos dinossauros que reinaram, soberanos, por 166 milhões de anos em todos os quadrantes da terra, da agressividade dos nossos ancestrais no afã de sobreviver, do entusiasmo pelo fogo que ilumina e cozinha, da alegria pelo primeiro símbolo criado e pela primeira palavra pronunciada; reminiscências da suavidade das brisas leves, das manhãs diáfanas, dos lagos serenos de águas profundas, do alcatilado das montanhas cobertas de neve; por fim, reminiscências das interdependências entre todos os seres, criando a comunidade cósmica e principalmente a comunidade dos vivos, do encontro com o outro, capaz de ternura, entrega e amor, e, finalmente, do êxtase da descoberta do mistério do mundo que todos chamam de Deus. Tudo isso está sepultado em algum canto de nossa psiquê e no código genético de cada célula de nosso corpo, por mais epidérmica que seja, porque somos tão ancestrais quanto o universo.

Útero comum. Nós não vivemos neste universo nem sobre a nossa terra como seres extracósmicos. Nós viemos do útero comum donde vieram todas as coisas, da energia mais originária, do *top-quark*, o tijolinho mais primordial do edifício cósmico até o computador atual. E somos filhos e filhas da terra. Somos a terra que anda e dança, que fremente de emoção e pensa, que quer e ama, que se extasia e adora Deus. Todas estas coisas primeiro estiveram no universo, se condensaram em nossa galáxia,



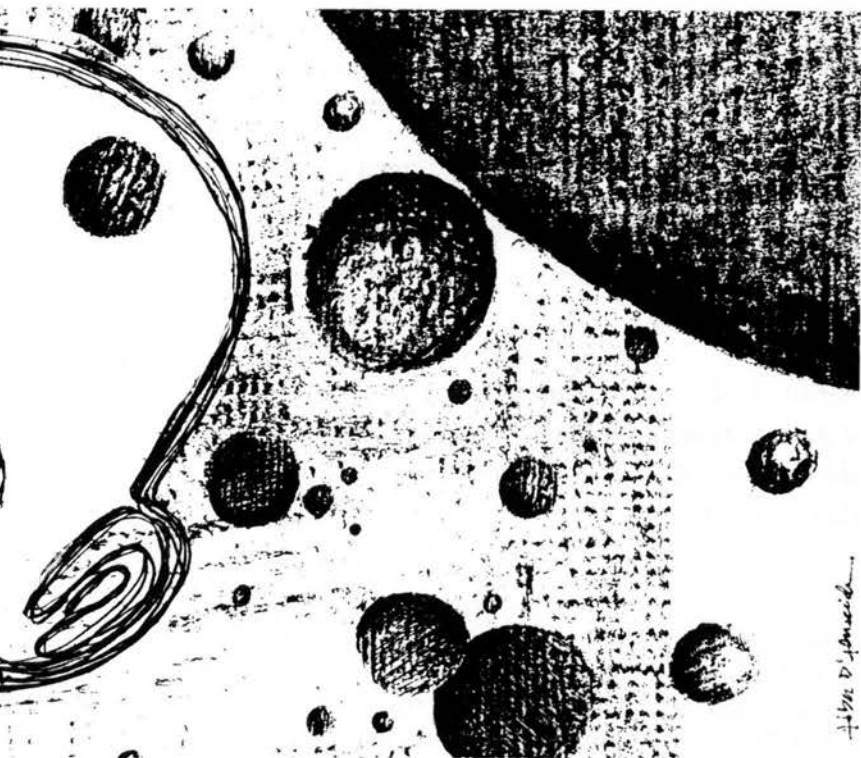
Alba D'Almeida

ganharam forma em nosso sistema solar e irromperam concretas na nossa terra, grande mãe, superorganismo vivo, complexo e dinâmico, a Gaia dos antigos e novos cosmólogos.

Porque tudo isso estava antes lá, pode estar agora aqui em nossa vida.

O princípio cosmogênico, vale dizer, aquelas energias diretoras que comandam, cheias de propósito, todo o processo evolucionário obedecem a uma lógica firme: ordem-desordem, interação, nova ordem, nova desordem, novamente interação e assim sempre. Com essa lógica criam-se sempre mais complexidades e diferenciações; e na mesma proporção vão-se crian-

Lei cósmica. Eis aqui o ponto a que queríamos chegar. A existência humana tem dentro de si a lei cósmica, pois somos expressões do cosmos e filhos e filhas da terra. Encontramo-nos dentro de uma ordem dada que não consegue frear os movimentos de mudança e



do interioridade e subjetividade até a sua expressão lúcida e consciente que é a mente humana. E simultaneamente e também na mesma proporção vai-se gestando a capacidade de comunhão, de troca e de reciprocidade de todos com todos, em todos os momentos e em todas as situações. Diferenciação/interioridade/comunhão: eis a trindade cósmica que preside o funcionamento do universo.

Tudo vai acontecendo processualmente e evolutivamente. Não haveria processo e evolução se tudo não estivesse submetido ao não-equilíbrio dinâmico que busca sempre adaptações e novos patamares de complexidade/interioridade/comunhão.

*Diferenciação/
interioridade/comunhão:
eis a trindade cósmica
que preside
o funcionamento
do universo*

por isso, num certo momento, passa por um processo de desordem e caos. Essa desordem e esse caos produzem interações novas e por isso são sempre generativos. E como fruto da teia de interações, reciprocidades e comunhões, emerge uma nova ordem que, por sua vez, vai seguir a mesma trajetória de desordem, interação e nova ordem. Enquanto estivermos

vivos estamos sempre numa situação de não-equilíbrio em busca contínua de adaptações e transformações que gerem um novo equilíbrio. Quanto mais próximos do equilíbrio total, mais próximos da morte. A morte é a fixação do equilíbrio e do processo cosmogênico. Ou a sua passagem para um nível que demanda outra forma de acesso e de conhecimento.

Como se manifesta esta estrutura concretamente em nossa vida? Antes de mais nada pelo cotidiano. Cada qual vive o seu cotidiano que começa com a *toilette* pessoal, o jeito como mora, o que come, o trabalho, as relações familiares, os amigos, o amor. O cotidiano é rotineiro, convencional e, não raro, carregado de desencanto. A maioria da humanidade vive restrita ao cotidiano com o anonimato que ele envolve. Alguns são conhecidos pela primeira vez quando morrem, pois o anúncio aparece no jornal. É o lado da ordem universal que emerge na vida das pessoas.

Imaginação. Mas os seres humanos são também habitados pela imaginação. Ela rompe as barreiras do cotidiano e permite dar saltos. A imaginação é, por essência, fecunda; é o reino das probabilidades e possibilidades, de si infinitas. Imaginamos nova vida, nova casa, novo trabalho, novos prazeres, novos relacionamentos, novo amor. A imaginação produz o caos na ordem cotidiana.

É da sabedoria de cada um articular o cotidiano com o imaginário. Se alguém se entrega só ao imaginário, pode estar fazendo uma viagem, voa pelas nuvens esquecido da terra e pode acabar numa clínica psiquiátrica. Pode também negar a força sedutora do imaginário, sacralizar o cotidiano e sepultar-se, vivo, dentro dele. Então se mostra pesado, desinteressante e frustrado. Rompe com a lógica do movimento universal.

CARISMA

O "carisma" deve ser compreendido como referência a uma qualidade extraordinária de uma pessoa, independentemente do quanto essa qualidade é verdadeira, alegada ou pressuposta. A "autoridade carismática", portanto, deve reportar-se a uma lei acima dos homens, seja predominantemente externa ou interna, à qual os governados se submetem devido a sua crença na qualidade extraordinária da pessoa específica.

(M. Weber, apud Charles Lindholm, *Carisma — êxtase e perda de identidade na veneração ao líder*)

Quando alguém, entretanto, sabe abrir-se ao dinamismo do imaginário e ao mesmo tempo mantém os pés no chão, quando assume seu cotidiano e o vivifica com injeções de novidade e de criação, então começa a irradiar uma rara energia interior. Dele sai força de expressão. Emerge a singularidade pessoal. Há luz e brilho na vida, originalidade no que propõe e criatividade em suas práticas.

Carismáticos. A esta força se chamou de carisma. Carisma, carma, Crishna, Cristo, crisma e caridade possuem a mesma raiz sânscrita. Ela significa a energia cósmica que tudo vitaliza, que tudo penetra para rejuvenescer, força que faz atrair as pessoas e fascinar os espíritos.

Quem são os carismáticos? Todos. A ninguém é negada a força cosmogênica que movimenta, na palavra de Dante, o céu e todas as estrelas. Por isso a vida de cada um é chamada para brilhar, na estrofe de um samba carnavalesco. É carismática.

Mas há carismáticos e carismáticos. Há alguns nos quais esta força de irradiação implode e explo-

A função dos carismáticos é a de serem parceiros do carisma que está dentro das pessoas

de. É uma luz que se acende na noite. Atrai os olhares de todos.

Pode fazer desfilar todos os bispos e cardeais diante dos fiéis reunidos. Pode haver figuras impressionantes em inteligência, capacidade de administração, zelo apostólico. Mas o olhar de todos se fixa sobre dom Helder Câmara. Porque ele é carismático. A figura é irrisória. Parece o servo sofredor sem beleza e ornamento. Mas dele sai uma força de ternura unida ao vigor que se impõe a todos.

Muitos podem falar. E há bons retóricos que atraem a atenção. Mas deixem dom Pedro Casaldáliga falar. A voz é rouca e às vezes desaparece. Nela, porém, há tanta força e tanto convencimento que as pessoas ficam boquiabertas. É a irrupção do carisma que faz de um bispo frágil e fraco parecer um gigante.

Há políticos hábeis, poucos incorruptíveis, grandes administra-

dores. A maioria maneja o verbo com maestria. Mas façam o Lula subir à tribuna, diante das multidões. Começa baixinho, assume um tom narrativo, vai buscando a trilha melhor para a comunicação. E lentamente adquire força, as conexões surpreendentes irrompem, a argumentação ganha seu travejamento irretocável, o volume de voz alcança altura, os olhos se incendiam, os gestos ondulam a fala num momento, o corpo inteiro é comunicação, argumentação e comunhão com a multidão que, de barulhenta, passa a silenciosa e de silenciosa a petrificada para, num momento culminante, irromper em gritos e aplausos de aprovação. E o carisma faz seu advento no político Lula da Silva.

Cotidiano. As forças inteiras do cosmos que ajudaram a chegar até aqui se condensam nos carismáticos e em cada pessoa humana que também é portadora de carisma. Não sem razão Max Weber, o grande estudioso do carisma, chamou-o de estado nascente. O carisma atualiza, cada vez que irrompe, a criação do mundo na pessoa da qual emerge. A função dos carismáticos é a de serem parceiros do carisma que está dentro das pessoas. Sua missão não é dominá-los com seu brilho, nem seduzi-los para que os sigam cegamente. Mas despertá-los da letargia do cotidiano. E despertados descobriram que o cotidiano em sua platitude guarda segredos, novidades, energias ocultas que sempre podem acordar e conferir novo sentido e brilho à vida, à nossa curta passagem por esse universo.

Leonardo Boff é professor de Ética na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e autor de diversos livros. Integra o Conselho Editorial de TEMPO E PRESENÇA.

A SOLIDÃO

Rubem Alves

Desde muito cedo aprendi a gostar da solidão. Isso não quer dizer que eu fosse um solitário. Ao contrário. Sempre tive amigos. A amizade é coisa que só cresce da solidão: ela é o encontro de duas solidões. Quando duas solidões se encontram, surge a comunhão.

As fontes de águas limpas são sempre solitárias. São encontradas escondidas nas florestas, longe dos caminhos das feiras e das romarias. A alma é uma fonte. Fontes de águas puras nascem no meio das florestas. As florestas são lugares solitários. As multidões fogem delas. Preferem as praias e os *playcenters*. São poucos, muito poucos, os que andam pelas trilhas das florestas. Por isso os amigos são poucos.

Quem, como Roberto Carlos, canta que quer ter um milhão de amigos, não sabe o que é a amizade. Confunde amizade com festa.

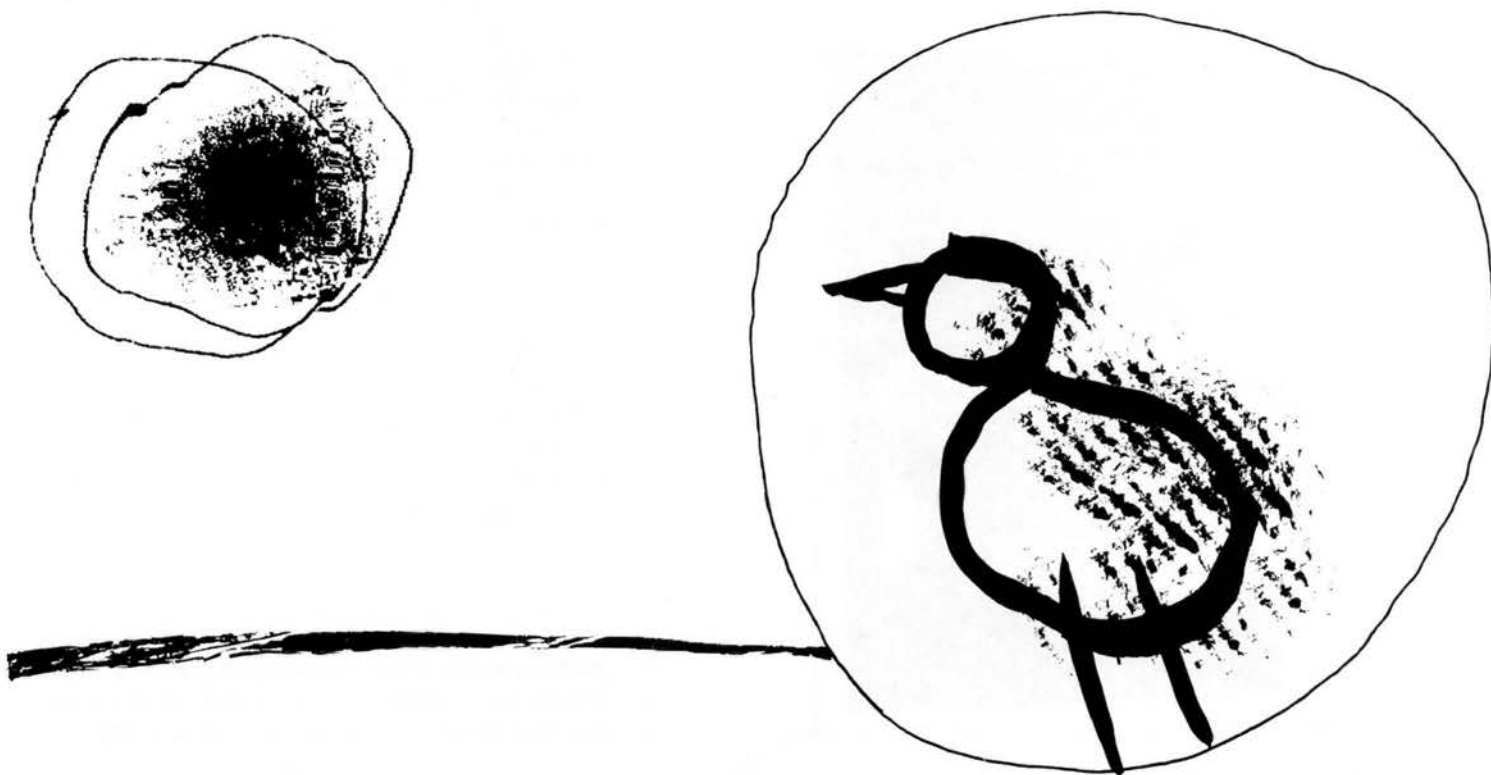
Não é possível ter muitos amigos porque a amizade exige tempo, é vagarosa, cheia de silêncios e de

esperas. Como nas florestas, onde há de haver silêncio e passos cuidadosos, para não espantar os seres encantados que moram lá.

Gnomos, duendes e sacis eu nunca vi nas minhas andanças pelos matos e campos. Mas já vi muitos, enquanto caminhava pelas trilhas da minha solidão. A alma solitária é morada de seres encantados — alguns delicados como libélulas, outros horrendos como animais monstruosos, saídos dos pesadelos.

Os textos sagrados dizem que os santos, quando desejavam testar a alma, entravam pelo deserto e ficavam na solidão: sabiam que era ali que as coisas mais profundas da alma, as mais belas e as mais terríveis, afloravam. Somente podem ver as coisas mais belas aqueles que têm coragem de olhar para as mais terríveis. O Belo só existe como triunfo sobre o Terrível.

Solidão é o ar que se respira quando se entra nas paisagens da alma. A alma é uma paisagem. D. Mi-



guel Unamuno a sentia assim, tanto que deu o título de *Paisagens da Alma* a um dos seus livros mais belos.

A neve havia coberto todos os picos rochosos da alma, aqueles que, mergulhados no céu, se contemplam nele como num espelho e se vêem, por vezes, refletidos sob a forma de nuvens passageiras. A neve, que havia caído em tempestade de flocos, cobria os picos, todos rochosos, da alma. Estava ela, a alma, envolta num manto de imaculada brancura, de acabada pureza, mas por debaixo ela tiritava, endurecida de frio. Porque é fria, muito fria, a pureza!

A solidão era absoluta naqueles picos rochosos da alma, semicobertos, como por um sudário, pelo imaculado manto de neve. Somente de tempos em tempos alguma águia faminta examinava a brancura a começar dos céus, buscando descobrir nela o rastro de alguma presa. Aqueles que, do vale, olhavam para os picos brancos e solitários, a alma que erguia seu rosto para os céus, nem de longe suspeitavam o frio que havia naquelas alturas. Aqueles que, do vale, olhavam os picos brancos, eram os espíritos, as almas das árvores, dos regatos, das colinas; algumas, almas fluidas e rumorosas, que discorriam entre margens de verdura, e outras, almas cobertas de verdura. Lá no alto tudo era silêncio.



Outro poeta-profeta, Nietzsche, também sentia a alma como uma paisagem. Por vezes as imagens eram as mesmas, e ele falava do seu desejo de viver acima das multidões (elas fogem não só das florestas como das montanhas também), perto dos ventos fortes, das águias, da neve, do sol. Mas, por diferentes que fossem as imagens, os sentimentos eram os mesmos. Aquilo que Unamuno sentia na brancura da neve ele sentia no escuro da noite:

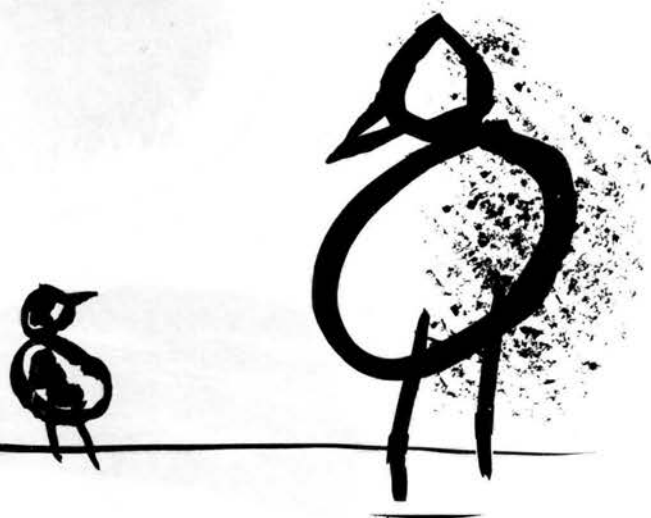
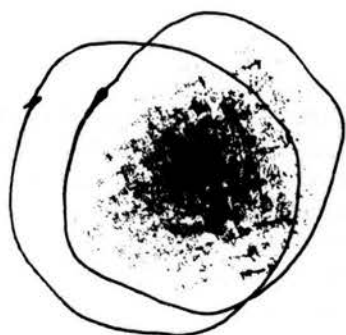
A noite chegou; agora todas as fontes falam mais alto. E a minha alma, também, é uma fonte. A noite chegou; somente agora todas as canções dos amantes acordam. E a minha alma, também, é canção de um apaixonado. Eu sou luz: ah! que noite fosse! Mas esta é a minha solidão, que estou cingida de luz. Ah! Que eu fosse sombrio e noturno! Como eu haveria de sugar os seios da noite! Os sóis voam como uma tempestade nas suas órbitas: assim é o seu movimento. Eles seguem a sua vontade inexorável: isto é a sua frieza. Estou cercado de gelo, minha mão foi queimada pelo gelo. A noite chegou e, com ela, a sede pelo noturno! E pela solidão!

Assim era a alma de Unamuno. Assim era a alma de Nietzsche.

E não entramos, nós mesmos, pela magia da palavra, dentro das solidões deles? Não vimos a brancura da neve sob a luz do luar, não sentimos o frio dos ventos e das alturas, não ouvimos o barulho da fonte, não sentimos a tranquilidade da noite?

As paisagens que vemos, assim é a nossa alma. Porque nós vemos aquilo que somos.

Abrimos o álbum e mostramos aos amigos as fotos da viagem. Paisagens. Aqui um lago. Ali um pôr-de-sol. A foto é a mesma. Mas quem garante que as paisagens das almas sejam as mesmas? Aquilo que sinto, vendo o lago e o pôr-de-sol, não é a mesma coisa que você sente, vendo o mesmo lago e o mesmo pôr-de sol. “O que sinto, a verdadeira substância com que o sinto, é absolutamente incomunicável; e quanto mais profundamente o sinto, tanto mais incomunicável é”, diz Bernardo Soares. As paisagens da alma não podem ser comunicadas. A alma é um segredo que não pode ser dito. Por isso, quanto mais fundo entramos nas paisagens da alma, mais silenciosos ficamos. A alma é o lugar onde os sentimentos são profundos demais para palavras. “Calamos”, diz Sor Juana, “não porque não temos o que dizer, mas porque não sabemos como dizer tudo aquilo que gostaríamos de dizer”. Quando, nas funduras da alma, as palavras nos faltam e o silêncio é total, lá, e somente lá, o Espírito de Deus se faz ouvir (Rm 8. 26).



E, no entanto, este segredo pede para ser dito. Foi isso que Nietzsche sentiu ao entrar na sua solidão:

Ó solidão! solidão, meu lar!... Tua voz, ela me fala com ternura e felicidade! Não discutimos, não nos queixamos, e muitas vezes caminhamos juntos através de portas abertas. Pois onde quer que estejas, ali as coisas estão abertas e luminosas; e até mesmo as horas caminham com pés saltitantes... Ali as palavras e os templos/poemas de todo ser se abrem diante de mim; aqui todo ser deseja transformar-se em palavra, e toda mudança pede para aprender de mim e falar...

Mas é inútil. O segredo da alma, não há palavras que consigam dizê-lo. Os que chegam mais próximos são os poetas. Mas eles mesmos sabem que suas palavras só chegam perto. Há sempre entidades incontroláveis, misteriosas, no meio das suas palavras — gnomos e duendes... Sim, eu creio em gnomos e duendes... Os homens seriam menos tolos se se dessem conta de que os seres encantados são seres da linguagem que habitam nos interstícios das florestas de palavras que fazem os cenários da alma.

A poesia só chega perto. Por isso é preciso que os poemas sejam repetidos e repetidos, sem fim, para dizer que ficou uma nostalgia...

A solidão é para poucos. Não é democrática. Não é um direito universal. Para ser um direito de todos teria de ser desejada por todos. Mas são poucos os que a desejam. A maioria prefere a agitação das procissões, dos comícios, das praias, da torcida: lugares onde se fala o que todos entendem. A democracia é um jogo que se faz com coisas que podem ser ditas.

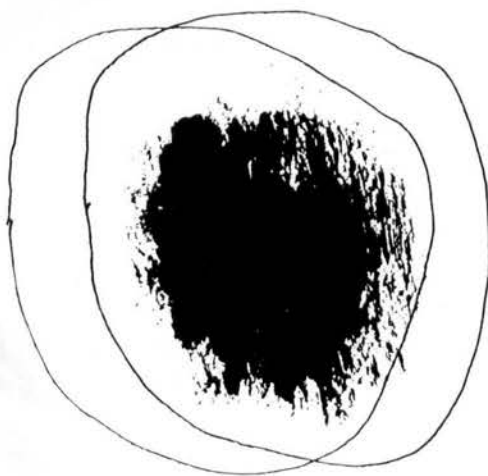
Na democracia os segredos são proibidos. É um jogo do qual todos devem participar. É coisa boa, ideal político bonito que deve ser buscado para o bem-estar de todos. Nela, porém, não há, nem poderia haver, lugar para a solidão e o segredo. A democracia é ave que nada na superfície do mar. Não é peixe das funduras. Ela vive do jornal, da informação, do que é público...

A alma fica fora desse jogo. Não é possível transformar as paisagens da alma em bens democráticos. A alma não é democrática. Ela é aristocrática. Ela teme a multidão, sua inimiga. Onde estão as multidões as fontes são sujas. Também isso Nietzsche notou:

A vida é uma fonte de alegria; mas ali, onde a plebe também bebe, todas as fontes ficam envenenadas.

A plebe sempre odeia os solitários. Ela despreza os que andam na direção contrária. Paulo Coelho e Lair Ribeiro são *best sellers*. Mas os poetas não conseguem nem mesmo publicar os seus poemas. E, no entanto, segundo Goethe, juntamente com as crianças e os artistas, são eles, os poetas, aqueles que se encontram em harmonia com o indizível mistério da vida. A plebe sempre condena a alma ao exílio. Ela não suporta a diferença. Quão dolorido é o lamento de Zaratustra:

Onde subirei com o meu desejo? De todas as montanhas eu busco terras paternas e maternas. Mas não encontrei um lar em lugar algum. Sou um fugitivo em todas as cidades, e uma partida em todas as portas. Os homens de hoje, para quem



meu coração recentemente me levou, são-me estranhos e grotescos. Sou expulso de todas as terras paternas e maternas. Assim, eu agora amo somente a terra dos meus filhos, ainda não descoberta, no mar mais distante; e nesta direção enfundo as minhas velas...

Na árvore Futuro construímos nossos ninhos; e na nossa solidão águias nos trarão comida nos seus bicos. Na verdade, nenhuma comida de que os impuros possam participar. Eles pensariam que estavam devorando fogo e queimariam suas bocas. Na verdade, não temos hospedagem para os impuros; nosso prazer seria uma caverna de gelo para os seus corpos e espíritos. Queremos viver acima deles como ventos fortes, vizinhos das águias, vizinhos da neve, vizinhos do sol: assim vivem os ventos fortes. E como um vento forte eu desejo soprar entre eles um dia, e com o meu espírito tirar o fôlego do seu espírito: assim o meu futuro o deseja.

Por isso sou protestante: porque amo a solidão. Eu era solitário antes de ser protestante. Não me converti ao Protestantismo a fim de ter a certeza da eterna salvação da minha alma nem porque acreditava haver encontrado na Bíblia as verdades eternas. Não estou interessado em verdades eternas. Não estou interessado na eterna salvação da minha alma. (E se alguém se escandaliza com isso que digo, digo mais, que é por puro respeito e amor a Deus. Em outra ocasião explicarei.) Converti-me ao Protestantismo porque amo a solidão. E eu senti que o Protestantismo nasceu de uma experiência solitária: um solitário contra a multidão, contra muitos.

As transformações missiológicas posteriores do Protestantismo que fizeram dele uma religião gregária, para muitos, os sucessos pentecostais contabilizados em milhares de convertidos e centenas de templos construídos, as multidões carismáticas em transe, as receitas para a expansão das igrejas — tudo isso só fez desfigurar o rosto do solitário.

É a solidão que separa a visão católica da visão protestante.

O Catolicismo não suporta a solidão. Os católicos têm medo da orfandade. Sob a tempestade, são como pintinhos abandonados que só sonham com a proteção das asas quentes da galinha. Não se ofendam com a imagem. Ela é bíblica. A igreja é uma galinha que sempre acolhe os pintinhos abandonados sob suas asas, desde que eles piem como pintinhos abandonados.

Minha representação plástica do universo católico é o coro gregoriano: todos cantam em uníssono. Todos são iguais. A alma, solitária e única, não existe. Se existe, não tem permissão para cantar. Deve ser calada. O indivíduo é gota que se perde no mar coletivo. As vozes dissidentes são vozes “protestantes”, dissonantes, trítone, intervalo do diabo: devem ser silenciadas. Não por maldade mas por um rigor estético. O Protestantismo nasceu quando a gota viu a eternidade refletida em si mesma. Percebeu que era maior que o universo, por ser espelho onde o universo se contempla. Espelho onde Deus se contempla! Quando se viu, a alma se achou bela e se pôs a cantar, triunfalmente. Ao invés do coro gregoriano, J. S. Bach. Se quiserem entender o que eu disse, ouçam o seu *Concerto Italiano*, que transborda de alegria, de força e de afirmação da vida.

Nada mais distante do individualismo. Individualismo é a solidão rancorosa, voltada sobre si mesma. O espírito protestante, ao contrário, é a solidão que contém o universo. A solidão que contém o universo tem o nome da poesia... Assim é o mistério do Verbo: o absolutamente singular de onde nasce o universal.

Na gregariedade os mundos velhos são preservados.

Na solidão os mundos novos são gerados.

Só me resta repetir o conselho de Zaratustra, esse protestante que não se esqueceu da visão:

Foge, meu amigo, para dentro da tua solidão. Sê como a árvore que amas com seus longos galhos: silenciosamente, escutando, ela se pendura sobre o mar.

Rubem Alves é filósofo, poeta e teólogo.

SEGREDOS DA SOLIDÃO QUE O SILÊNCIO VEM CONTAR

Marcelo Barros

*Há solidões impostas
e solidões escolhidas.
Há a solidão sinônimo
de exclusão e segregação
e há a solidão voluntária
que pode ser chamada
de isolamento. Solidão e
silêncio podem significar
experiências negativas
mas podem ser também
enriquecedores e
nutrientes — fazer bem ao
coração e à mente. Este
artigo é um convite
à reflexão sobre o tema e
ao aprofundamento da
mística do silêncio
e da meditação*

Era uma vez um mundo em que as cidades eram pensadas como lugares de encontro e relação humana. Quem precisava de solidão ia para o campo ou para grutas das montanhas e para lugares de difícil acesso. Então, solidão e deserto eram sinônimos.

Hoje, quando me falam em solidão, não penso em lugares desabitados. Recordo-me do eremita que percorre, cada dia, a cidade, guiando um coletivo, levando e trazendo gente. Ele vê as pessoas através de uma meia parede de vidro, onde está escrito: "É proibido falar com o motorista". Tenho uma amiga que, desde jovem, é monja carme-

lita descalça. Até hoje, o seu convento mantém as grades da clausura e as regras do deserto. Mas, ela me confessou que viveu a mais dura experiência de solidão, quando aos sessenta anos, teve de ser atendida num hospital público. Deixaram-na, durante horas, num corredor, sozinha, esperando vaga numa enfermaria.

Quando, hoje, penso em solidão, vem-me à mente a imagem de uma grande cidade à noite, com milhões de pequenas lâmpadas acesas e uma floresta inmensa de antenas de televisores povoando os telhados e trazendo sua forma própria de comunicação. É a experiência que o poeta já cantara:

*Nesta cidade do Rio de dois
milhões de habitantes
Estou sozinho no mundo
Estou sozinho na América.
(C. Drummond de Andrade)*

Dizem que só na França são mais de cinco milhões de pessoas que vivem sozinhas. Nos Estados Unidos, a enorme quantidade de propaganda dos produtos para cachorros e gatos explica-se pelo consumo cinco vezes maior do que a de alimentação humana. Como será no Brasil? Dizem que a nossa sociedade gera solidão, principalmente nas cidades grandes, onde ninguém conhece ninguém e as relações são mais atomizadas. No mundo moderno, as pessoas têm

mais dificuldade de viver a solidão. Entretanto, se é verdade que sentir-se só pode representar uma dor, seria sempre uma desgraça inevitável?

AS SOLIDÕES POSSÍVEIS DE CADA SOLITÁRIO

Poderíamos dar nomes diferentes às solidões nossas de cada dia. Uma é a solidão imposta pela morte de uma pessoa querida. Um homem que viveu cinquenta anos com sua esposa e a perde, ou alguém apaixonado que vê a pessoa amada partir com outro, vivem um tipo de solidão diferente de alguém cansado que se isola do mundo. Uma é a solidão escolhida e aceita, outra, a que a vida impõe e não deixa alternativas.

A solidão das pessoas doentes, idosas, estrangeiras, marginalizadas, ou simplesmente mal-amadas, assemelha-se à segregação e exclusão. Merece atenção como ferida a ser curada. A solidão escolhida por desamor ou fuga das pessoas humanas mais poderia ser chamada de isolamento. Precisa mais ainda de tratamento e cura. Mas, há ainda a solidão da pessoa que na escuridão de um estúdio revela uma fotografia. Quem, num laboratório, pesquisa um novo medicamento passa horas do seu dia na solidão do seu trabalho. Também convive com a solidão quem, numa mesa de trabalho, es-

*Hoje, quando me falam
em solidão, não penso em
lugares desabitados,
vem-me à mente a imagem
de uma grande cidade*

creve um poema ou uma carta de amor. A pessoa crente que vive em meio a uma comunidade que não compartilha da sua fé vive uma solidão. Quem ora e se depara com a impressão da ausência de Deus pode sentir-se só. Mas, estas pessoas não falam o idioma do isolamento. Sua solidão não é medida pela distância. Prepara um lugar interior no qual o outro e o mundo serão acolhidos.

A fé nos faz viver uma grande intimidade de amor com Deus. Mas, na maioria das vezes, nossa sensação é de ausência. O silêncio de Deus provoca no crente uma solidão difícil de suportar. Na Bíblia, muitos salmos e orações insistem em reclamar: "Onde estás, Senhor? Por que pareces dormir?" (por ex. Sl 44. 24-27). Este clamor é mais sofrido ainda e pesado quando não se trata apenas de situações pessoais nas quais esperávamos a intervenção de Deus e só recebemos o seu silêncio. A fé torna-se sinônimo da mais dura solidão quando, como ocorre na América Latina, a injustiça estrutural e a violência contra os pobres parece um desmentido de todas as promessas de Deus e da sua salvação.

Quem crê aprende a conviver com a solidão. Descobre que sentir-se só pode ser algo terrível, destruidor do próprio ser, mas também pode ser um desafio criador de vida nova. A solidão pode ser inimiga mortal, mas também pode ser uma valiosa aliada. Na comunhão da fé, como na vida de todo ser humano, há um espaço de solidão interior que, mesmo no ca-

sal mais unido, ou na comunidade mais aberta, permanece profundo e inalterável.

A relação entre o assumir a solidão interior e a capacidade de dialogar e relacionar-se profundamente com o outro é o ponto ao qual Emanuel Levinas refere-se em vários dos seus escritos: "É necessária uma solidão para que haja uma liberdade de começo. (...) Só os seres humanos que se relacionam bem com a solidão se põem num terreno no qual a relação com o outro torna-se possível". A solidão, na qual alguém se deixa alterar pelo outro é o começo da fraternidade "na qual o outro aparece, por sua vez, como solidário de todos os outros". É ainda neste contexto que podemos compreender poemas como este de Cecília Meirelles:

*Por mim e por vós, e por mais
aquilo
que está onde as outras coisas
nunca estão,
deixo o mar bravo e o céu
tranquilo: quero solidão.
Que procuras? Tudo. Que
desejas? Nada.
Viajo sozinha com o meu
coração.
Não ando perdida, mas
desencontrada.
Levo o meu rumo na minha mão.
(...)
Deixo aqui meu corpo, entre
o sol e a terra.
(Beijo-te, corpo meu, todo
desilusão!
Estandarte triste de uma
estranha guerra...)
Quero solidão.*

A SOLIDÃO DE QUEM CRÊ

Assim como o amor é gerado na comunicação, mas engravidada no mais íntimo do coração, também a fé "vem pelo ouvido" (Romanos 10.17), mas se forma no cadinho da solidão de cada crente. A aliança de Deus com o seu povo foi te-

cida no deserto do Sinai. É no deserto e na experiência do silêncio que o profeta reencontra o Senhor.

"Houve uma tempestade. Deus não estava na tempestade. Depois, veio um terremoto. Deus não se manifestou no tremor da terra. Depois disso, Elias ouviu o suave murmúrio de uma brisa. Então, saiu da caverna e pôs-se a descoberto no monte" (1 Reis 19.12).

Quando Israel afasta-se da aliança, o Senhor promete: "Eu a atrairei ao deserto e lhe falarei ao coração" (Oséias 2.14). É no deserto que o Senhor abre um caminho para o povo retomar um novo Êxodo (Cf. Isaías 40.3).

Conforme o testemunho dos evangelhos, Jesus preparou-se para a sua missão, por um retiro no deserto, refazendo, com sua experiência, o caminho de Israel no deserto e vencendo as tentações que antes fizeram o povo sucumbir.

Desde os primeiros séculos, homens e mulheres que não se con-



formaram com um cristianismo acomodado ao império, partiam para o deserto, não para fugir da vida, mas para transformar o deserto em jardim da ternura de Deus para com todos.

Os antigos espirituais cristãos ensinavam que a vida eremítica podia ajudar alguém a acolher com maior disponibilidade a graça de Deus e crescer na intimidade do seu amor. Exercitando-se na solidão, o ser humano aprendia a "habitar consigo mesmo" (Gregório Magno).

A partir da experiência e o ensinamento de Santo Antão e dos pais

A solidão das pessoas doentes, idosas, estrangeiras, marginalizadas, ou simplesmente mal-amadas, assemelha-se à segregação e exclusão

e mães do deserto, os três componentes fundamentais da vida eremítica são: o trabalho, a leitura e a oração. Entretanto, tudo isto tem como objetivo o aprendizado da caridade e do sair de si no amor aos irmãos, praticado com radicalidade por qualquer pessoa que queira viver a solidão no contexto cristão.

A tradição espiritual propõe que ninguém comece o seu caminho espiritual sendo eremita. A vida na solidão supõe previamente uma etapa de vida comunitária na qual a pessoa exercita o amor fraterno e aprende a lutar contra o mal na convivência com os outros (São Bento).

Hoje, tanto no Brasil como em todo o mundo, está havendo um forte ressurgimento da vocação eremítica. No deserto do Egito, mosteiros ortodoxos que, há vinte anos, estavam desertos, contam agora com centenas de monges. Pela Europa e na América do Nor-

te multiplicam-se *ashram* e mosteiros hindus. No Brasil, conheço vários irmãos e irmãs que, cuidando de manter a comunhão com o povo e o serviço aos irmãos, vivem, na solidão, a ruptura com o mundo.

Certamente, a maioria de nós não é chamada a este tipo de vida, mas pode aprender a equilibrar melhor, no dia a dia da vida, os valores espirituais da solidão e do silêncio de que necessitamos com o aprimoramento da qualidade de nossa capacidade de dialogar e sair de nós para os outros.

O SILÊNCIO DO CORAÇÃO

"O silêncio é a grande revelação"
(Lao-tsé)

A fé cristã nos recorda que Deus se fez Palavra e esta Palavra fez-se carne. A palavra é comunicação, mas é engravidada no silêncio da fé e é mais bem acolhida no silêncio da meditação. Para aprofundar esta mística, os espirituais antigos deixaram-nos algumas dicas:

No seu trabalho e no seu dia a dia, procure manter em tudo o silêncio interior

Não há solidão sem silêncio. Não se trata apenas de ficar calado. O verdadeiro silêncio não pode ser mutismo ou fechamento interior. Para quem crê, o silêncio é, sobretudo, atenção à Palavra de Deus escutada no próprio coração e vinda dos outros. Por isso, a melhor moldura do silêncio é a comunhão e a solidariedade. O silêncio interior exige, antes de tudo, esquecimento de nós mesmos. Quem fica preso a si mesmo, não fica em silêncio.

Embora seja difícil manter o silêncio do coração num ambiente barulhento e agitado, a realidade atual exige que aprendamos a manter em nós o silêncio, mesmo na barulheira do mercado, do trânsito ou do trabalho. Para isso, um



Marcelo de Oliveira / Imagens da Terra

UMA COMUNIDADE DE FÉ

(Jacques Maritain, refletia sobre a comunidade de fé que, durante anos, existiu entre ele, Raíssa, sua esposa, e Vera, sua cunhada).

“Eu creio que quem pensar que a unidade de uma comunidade suprima o incomunicável, engana-se totalmente. Uma comunidade não é um *camping* em que as efusões que supostamente expressariam a verdade total de cada um seriam colocados à mesa como numa grande sopa fumegante de alegria familiar. Ao menos, nossa experiência foi diferente.

Não penso que tenha havido entre três seres humanos uma união mais estreita do que a que existia entre nós. Cada um era aberto aos outros dois com total sinceridade. Cada um era extraordinariamente sensibilizado aos dois outros e pronto a tudo dar por eles. Por assim dizer, era como se uma única respiração nos mantivesse em vida. Entretanto, não só a personalidade de cada um de nós era muito diferente da dos outros, não só cada um tinha pelos outros um respeito sagrado, mas no seio dessa maravilhosa união de amor que a graça de Deus tinha feito entre nós, cada um guardava intata a solidão. Que mistério! Mais éramos unidos um ao outro, mais cada um caminhava só. Mais cada um de nós carregava os dois outros, mais cada um estava só para carregar o seu fardo. De modo que a unidade do pequeno rebanho só fez crescer com os anos, mas ao mesmo tempo a solidão de cada um só fez se aprofundar”.

Fonte: Jacques Maritain, *Carnet des Notes*, Desclée De Brouwer, 1965, p. 104-105.

método que os orientais ensinam é garantir, ao menos, alguns momentos de calma, nos quais possamos esvaziar a mente de tudo o que nos preocupa e, harmonizando a respiração com o universo, simplesmente escutar o silêncio.

Alimente o seu silêncio com a Palavra de Deus

Como o silêncio pelo qual nós, cristãos, optamos é para escutar a Deus, o melhor instrumento para nos conduzir a esta quietude interior é a própria Palavra revelada.

Cada dia, reserve um momento e leia, repita e rumine um texto da Palavra de Deus. Se for possível, faça a meditação no início do dia, de modo a iluminar toda a sua jornada. Na América Latina, muitas comunidades populares estão fazendo a leitura orante da Bíblia. É um método que consiste em ler calma e saborosamente um texto, depois repeti-lo, uma duas ou mais vezes até que um versículo, uma palavra ou expressão toque mais o coração e o alimento de modo es-

pecial. Então, a pessoa pára e deixa que essa palavra penetre em si. Finalmente, responde a Deus pela oração e dela tira uma luz para a sua vida concreta.

Dê a sua palavra um valor de comunhão humana

O silêncio é contra a tagarelice vazia, mas não só nunca impede o verdadeiro diálogo, como o favorece e é por ele alimentado.

Como monge descobri que para aprofundar em minha vida o silêncio do coração, um excelente meio era exigir de mim uma maior veracidade espiritual em todas as minhas relações. Normalmente, a gente é sincero, mas pode não ser veraz. Para que a sua solidão seja habitada e o seu silêncio fecundo, nutra com as pessoas que o cercam um clima de veracidade no qual a sinceridade e a delicadeza com o outro se harmonizem. O silêncio interior lhe dá essa capacidade que, sem isso, poderia ser inatingível. Quando a gente consegue ter com as pessoas mais amigas um

diálogo no qual pode ser a gente mesmo e possibilita que os outros sejam verdadeiros, o resultado é que precisará menos de falar por falar.

UMA PALAVRA PARA CONTINUAR O CAMINHO

Refaço estas linhas com certa vergonha. Procurei conversar com vocês, compartilhando o que creio profundamente. Mas, a verdade é que me sinto apenas iniciado neste caminho. Sinto que ainda há um longo caminho a percorrer.

Gostaria de que estas linhas fossem janelas de comunhão que nos possibilitassem dialogar e me dessem a alegria de ouvir a experiência de vocês. Queria escutar o silêncio da mãe que vela pelo filho doente, alegrar-me com vocês pela alegria da confiança manifestada num olhar de carinho entre esposos ou no riso de amigos que se reencontram.

Aqui lembrei algumas coisas boas e bonitas, mas quase esquecia o principal: os casais namoram e conversam até a hora em que um beijo vem fechar a boca e, então, o amor se faz entre sussurros do desejo. O silêncio é o tempo do desejo. Quem ama deseja e quem deseja, sabe que as palavras não explicam o mais importante. Continuemos, então, juntos o caminho e alimentemos em nós este desejo de Deus. O salmista expressou isto (Sl 65.2), cuja tradução aramaica (Cf. Tradução ecumênica, nota G) diz:

Ó Deus que estás em Sião, diante de Ti, o louvor é comparável ao silêncio.

Marcelo Barros é monge beneditino e biblista. Autor do livro *Nossos pais nos contaram: nova leitura da História Sagrada*, Editora Vozes.



DELÍRIOS NO JARDIM DE DEUS

Ordep Serra

Apesar de ser caracterizada, pelo senso comum, como “alienação”, loucura, distúrbios psíquicos, a possessão e o transe são vistos pelo autor como “perder-se”, “despossuir-se”, para se deliciar e beber dos espíritos de Deus

Há hoje uma quantidade considerável — imensa, pode-se dizer — de estudos antropológicos, psicológicos, etc. sobre cultos de possessão, ritos entusiásticos, trances místicos. Em toda essa bibliografia, uma nota dominante assinala de modo regular, quase invariável, o ponto de partida da reflexão. Nem por isso essa nota decisiva se ouve com clareza, ou deixa-se captar com facilidade:

Hoje a maioria dos antropólogos se recusa a tratar do problema do transe e da possessão como tipos de conduta aberrante, anormal, patológica

soa tão natural que pouco se escuta. É curioso que os antropólogos, particularmente, mal a advirtam, pois a antropologia exige do pesquisador um ouvido atento às inflexões do próprio discurso, no que envolve a consideração do discurso dos outros.

Mas de fato essa percepção não ocorre muito onde se espera.

Em geral escapa; ou, se advém, dá-se de maneira velada.

Assim, a declaração com que comecei este artigo pode deixar intrigados muitos estudiosos do assunto. Talvez digam:

“De que se trata? Qual é esse pressuposto tão comum e inadvertido? Onde ele reside?”.

Pois direi que ele tem sede na própria raiz dos estudos a que aludi, na própria fonte da maioria absoluta dos trabalhos escritos acerca desses fenômenos. Tem a ver com a estranheza que provoca a pergunta sobre o sentido deles e conduz ao ensaio de análise.

O outro lado de tal estranheza é o sentimento de uma evidência tão forte que não se questiona jamais. Uma coisa se estranha, então, porque o contrário é percebido como indiscutível, claro, lógico.

Evidentemente, há diferenças

na maneira como isso se apresenta, e tais diferenças são consideráveis, fazendo divergirem bastante as abordagens do assunto. Pode-se mesmo dizer que hoje a maioria dos antropólogos se recusa a tratar do problema do transe e da possessão da forma que foi, até há pouco, a mais consagrada: a perspectiva que os classificava como tipos de conduta aberrante, anormal, patológica. Ainda assim, basta mencionar o “problema” entre antropólogos, psicólogos, etc. para dar início a uma discussão sobre os sentidos do normal e do anormal.

Isso, por certo, é significativo: é um dado que encerra, a meu ver, uma indicação valiosa quanto à natureza do lugar cultural e histórico, à curva do espaço epistemológico em que o problema é posto.

Estranhar a própria estranheza. Todavia, uma regra de ouro para o antropólogo deve ser a de que — ao menos de vez em quando — ele estranhe também sua terra, costume, o jeito dela, as convenções e praxes tradicionais de seu pensamento. Logo, é preciso que um belo dia ele chegue a um ponto mais perigoso, e estranhe a própria estranheza — ou tente fazê-lo.

Para melhor esclarecer o que penso, tentarei primeiramente exprimir de forma simples, até com alguma ingenuidade, a questão que, mesmo sem explicitar-se (aliás, ela parece tanto mais decisiva quanto menos se explicita), marca o ponto de partida de inumeráveis estudos sobre cultos entusiásticos, ritos xamânicos, etc.:

Como pode ser que “eles” pensem e procedam assim? Por que essas pessoas pretendem sair de si, deixar de ser quem são, alhear-se, alterar-se na sua identidade, em momentos a que atribuem grande importância? Por que alguém alega e aceita que ele mesmo vem a

ser outro, ou outros, em episódios cruciais — e regulares — de sua vida? Por que se submete a essa alienação radical? Por que lhe atribui um valor extraordinário?

A indagação, mesmo tácita, pode facilmente ascender ao espanto mais profundo e até colorir-se de escândalo. Várias vezes se igualou essa “alienação” com a loucura, com estados mórbidos, com distúrbios psíquicos. O arrebatado que deixa um homem “fora



de si”, não será, em face das exigências da razão vigilante, o sinônimo do desatino mais lamentável? Não é algo degradante a perda do autocontrole? Haverá queda maior que o lapso de quem se ausenta de si? Tem cabimento valorizá-lo?

Até aqueles que se negam a reduzir a abordagem do transe e da possessão aos termos do discurso médico, da psicopatologia, frequentemente partem da mesma estranheza, dedicando-se a atenuá-la ou circunscrevê-la de algum

modo. Então, ora se encurta a distância presumida entre esses fenômenos, em suas formas típicas, e a situação da "normalidade" em que o observador por princípio se situa (relacionando-os com os estados de dissociação cuja enorme frequência "oscilante" — e variável quanto aos graus — a psicologia acusa na vida de todos os homens); ora se trata de desvelar as relações do transe místico ou xamânico com estratégias racionais,



no plano da conduta social — como ocorre nas explicações de tipo funcionalista, que sublinham o aspecto de formalização e controle dos ritos entusiásticos, seu emprego na promoção do equilíbrio dos grupos, na "domesticação" da conduta desviante, na promoção de efeitos sociais catárticos, etc.

Possesso de si mesmo. Ainda nesses casos, o começo de tudo é o espanto mal disfarçado diante de um comportamento que incomoda

O arrebatamento que deixa um homem "fora de si", não será, em face das exigências da razão vigilante, o sinônimo do desatino mais lamentável?

e que se procura explicar de algum modo razoável. Também acho que existe aí algo de assombroso. Mas minha estranheza não vai no mesmo rumo daquela que apontei.

Já se fizeram grandes esforços com vistas a explicar os fenômenos do transe e da possessão, com base nos motivos de espanto referidos. Sem dúvida, tais esforços são justificáveis. Todavia, me parece muito mais admirável outra coisa, que tem a ver com isso, mas não se coloca em questão quando disso se trata.

Para mim, o mais estranho e espantoso é alguém passar a vida inteira possesso de um só: do único

a que chama de "eu". Pior que estranho, isso me parece terrível! Aliás, creio que apenas nesse caso o termo "possessão" se aplica plenamente e com todo o peso da carga negativa que acabou por se associar a ele.

Quando se usa dita palavra para caracterizar o entusiasmo, corre-se o risco de um equívoco semelhante ao que induz o emprego da palavra "posse" com referência ao ato amoroso. Aproximar esses casos não é despropositado, pois a linguagem dos místicos do mundo inteiro sempre o faz. Sem dúvida, o uso referido tem certo fundamento. Um homem "possui" uma mulher e uma mulher "possui" um homem quando eles se enlaçam na união dos sexos, já que dispõem e desfrutam um do outro. Mas, para que isso se dê completamente, os parceiros também têm de se despossuir, abandonar-se, "perder-se" a — e de — si mesmos, diluindo-se um no outro, por um instante que seja. A posse amorosa é bé-

POSSE

A categoria mais fundamental da filosofia e teologia implícitas no discurso e nas práticas da Igreja Universal do Reino de Deus é a posse. E fique bem claro que "posse", neste caso, não significa posse mística ou transe, mas a detenção de bens em vista da sua fruição. Estes bens são geralmente descritos como elementos indispensáveis para aquilo que se pode qualificar de uma vida digna e feliz: saúde, prosperidade e amor.

A mola das assembléias e da vida do fiel em geral é a idéia da posse. Os fiéis devem "tomar posse" daquilo que é necessário para uma vida feliz.

Uma recente concentração de fiéis da Igreja Universal tinha o sugestivo slogan: "venha tomar posse do que você perdeu". Tomar posse, portanto, não significa outra coisa senão realizar aquilo para o qual se está destinado. As coisas são "nossas" enquanto Deus as fez para nós, para delas fruirmos. Vir a possuir, portanto, significa bem mais uma "reintegração de posse", um ter à disposição aquilo que nos é devido por direito de criação.

O que equivale a dizer que possuir significa conformar-se à vontade divina, estar em harmonia com a intenção criadora, situar-se na comunhão com o desejo de Deus. Inversamente, não possuir significa uma frustração do propósito criador, da destinação divina da existência humana — uma ruptura da ordem cosmológica.

Fonte: Wilson Gomes (trechos) in: Cadernos do CEAS, nº 146, julho/agosto de 1993.

bada de seu contrário. Chamá-la simplesmente de “posse” é, no mínimo, uma descrição unilateral. Quando essa mal chamada “posse” de fato se realiza, desrealiza-se o possuidor.

O risco de um equívoco semelhante acontece com o termo derivado, quando empregado para descrever o entusiasmo. Quem ouve as vozes conturbadas dos místicos não pode crer que sua paixão seja só deles: é também do Santo, é também de Deus, que sofre o transe com seus amados, que se inflama e se arrebatava desvairadamente com seus amados. Aliás, segundo penso, o transe há de ser mais radical da parte do divino. Por certo, Deus e os Santos ficam então muito loucos, a ponto de confundir-se com pessoas humanas comuns. De qualquer modo, o entusiasmo envolve um “despossuir-se” que im-

plica mútua entrega, numa situação extrema cuja graça escandalosa está na desigualdade dos que arrebatam.

Porém, possessão verdadeira, no sentido primário do termo, é a do ensinamento que não perde

O seguro de si, que não se desata nunca, o cheio de si, que nunca se esvazia — este sim, é um possesso, e não há demônio mais pavoroso do que seu possuidor

nunca o autocontrole, não admite sair de si, nem sabe trilhar a floresta do alheamento: a daquele que não se quer outro nem de outro; a de quem se fecha consigo, não abre mão de sua pessoa, não se deixa escorrer entre os próprios dedos, não abre a porta da sua ausência, não se larga, não se desliga, não “se” viaja: fica intransitável. Pesado, impassível de arrebatamento, nunca terá entusiasmo autêntico.

co. Vacinou-se consigo mesmo contra os delírios de Deus. Não creio que seja um belo ideal.

Bêbado dos espíritos de Deus. Mas é bem o caso de se falar em possessão. Plena, com toda a propriedade. Portanto, vou deduzindo: o seguro de si, que não se desata nunca, o cheio de si, que nunca se esvazia — este sim, é um possesso, e não há demônio mais pavoroso do que seu possuidor. Que, além do mais, é muito crédulo: sempre acaba por acreditar fanaticamente na identidade que o reveste, na sua máscara social, na roupagem de sua pessoa, e corre o risco de colar-se a essas vagas fantasias de um modo irremediável. No fim da peça, não poderá tirá-las — pregou-se a peça.

Os mais lúcidos enfermos dessa miséria de se possuir são os que apelam a qualquer droga a fim de livrar-se por instantes da obsessão de si mesmos.

De fato, creio que é terrível a possessão, assim como a defini: a de quem nunca se arrebatam, nem conhece transe. Sua manutenção requer sacrifícios cruéis: castração de sonhos, infanticídio da imaginação, anestesia do amor, demérito da morte — tudo isso apenas para acumular a avara pobreza da auto-suficiência, a fome com fastio, a estupidez global.

Prefiro o pobre delirante que já não sabe quem é, que se arrisca a nadar no nada, feito um barco bêbado, que aposta a alma com o espelho e se derrama entre as sombras — mas bebe e se embriaga dos espíritos de Deus.

ÊXTASE COLETIVO

A prática da cura consagra as igrejas do Pentecostalismo Autônomo como espaços de solidariedade e acolhimento sem a necessidade de formação de comunidade; aliás, inclinação distante das pessoas adaptadas ao ritmo dos centros urbanos de médio e grande portes. Os proscritos encontram seu espaço de reorganização da personalidade e do restabelecimento de uma escala de valores. Os anseios messiânicos são atendidos com doses maciças de misticismo, temperado com a liberdade quase total das expressões emotivas individuais e coletivas, criando um senso de fraternidade e dignidade singulares. Isto garante que essas igrejas vivam ainda por muitos anos um processo de franca expansão.

A ênfase exacerbada no exorcismo alimenta a “guerra santa”, conquanto a identificação dos “demônios” com os orixás e divindades do Candomblé e Umbanda representa um mecanismo de desmoralização dessas religiões, constituindo-se também num passo importante para obtenção da hegemonia religiosa no meio popular, um dos grandes objetivos do Pentecostalismo Autônomo.

Fonte: Livro: *Nem Anjos nem Demônios*. Interpretações sociológicas do Pentecostalismo, vários autores, Vozes, 1994.

Ordep Serra é doutorando na USP em Antropologia Social, professor da Universidade Federal da Bahia, sócio e colaborador de KOINONIA.

PERIPÉCIAS DO AMOR

Rafael Soares de Oliveira

*A minha dor é enorme,
mas sei que não dorme quem vela por nós.
Há um Deus, sim, há um Deus
E esse Deus lá do alto há de ouvir minha voz!
Se eles estão me traindo
Se andam fingindo
Que é só amizade,
Hão de pagar-me bem caro
Se eu algum dia
Souber a verdade (...)
(Lupicínio Rodrigues)*

Que tal se aqui você seguisse a sugestão de recomençar a leitura e depois seguir adiante?

O CAMINHO...

Os seis momentos a seguir foram descritos várias vezes, e de modos semelhantes, como *a experiência*, *o êxtase*...

O despertar

Os seus olhos me perseguem com força inevitável — é amor à primeira vista. Essa parece ser a frase que se repete ao ouvirmos falar de tantos primeiros encontros inesquecíveis. A atração de que se fala é tão forte que acomete quem a vivenciou de um desassossego, uma agitação e ansiedade inesperadas.

*O que é que eu posso contra o encanto
Desse amor que eu nego tanto
Evito tanto, e que no entanto
Volta sempre a enfeitiçar
(Tom Jobim e Chico Buarque)*

A purificação

A vida já não é mais a mesma. Os valores a que estava ligado, as coisas a que se apegava vão perdendo importância. Tudo vai sendo largado de lado porque as atenções estão voltadas para o grande amor. Comer, dormir, consumir, nada disso faz sentido se não lembrar o grande amor. Tudo se passa como uma grande purificação, ou por que não dizer, um gesto de morte de todas as ligações com a vida, para viver um grande amor.



William Seewald

*Ando meio desligado eu nem
sinto meus pés no chão olho e não
vejo nada eu só penso se você me quer*
(Arnaldo, Sergio Baptista/Rita Lee)

*Não quero pó, não quero rapé, não quero
cocaína, me liguei no chocolate, só quero
chocolate, eu só quero chocolate*
(Tim Maia)

O arrebatamento

Os outros momentos são preparações. Agora chegou-se ao clímax de euforia. É o arrebatamento.

*Agora vem pra perto vem
vem depressa vem sem fim
dentro de mim*
(Pino Daniele/N. Mota)

*Eu não sei bem por que
só sinto na vida o que vem de você*
(Bororó)

Se alguém quer matar-me de amor...
(Luiz Melodia)

*Meu bem querer é segredo é sagrado e está
sacramentado em meu coração*
(Djavan)

*Foi um rio que passou em minha vida e meu
coração se deixou levar*
(Paulinho da Viola)

A experiência geralmente é dita: inexplicável. É o arrebatamento absoluto, ou melhor, a vivência do absoluto.

A desolação

Não querer afastar-se do grande amor, viver ligado no que o arrebatamento trouxe ao coração, são os sentimentos que invadem ao mesmo tempo que produzem sofrimento, sensação de abandono, até depressão.

*Lá vou eu de novo como um tolo
procurar o desconsolo
que eu cansei de conhecer*
(Chico Buarque)

*Ah! não pode mais
meu coração
viver assim dilacerado
escravizado a uma ilusão
que é só desilusão*
(Vinicius de Moraes)

*Se Deus soubesse da tristeza lá na serra
Mandaria lá pra cima todo amor que há na terra*

*Porque o moreno vive louco de saudade
Só por causa do veneno das mulheres da cidade*
(Ary Barroso/Lamartine Babo)

*Escravizaram assim um pobre coração
É necessária a nova abolição
Pra trazer de volta a minha liberdade*
(Cartola)

A paz

Talvez os relatos não sejam claros quando se fala do alcance da "paz de espírito". Mas ao que tudo indica uma nova experiência de arrebatamento leva o amante a integrar toda a vivência em uma só. Há uma só produção de sentido e cada passo dado antes é reintegrado numa nova consciência associada à sensação de grande paz. É o amor sem ansiedade, arrebatador e de idas e vindas.

*Venha conhecer a vida
Eu digo que ela é gostosa
Tem o sol e tem a lua
Tem o medo e tem a rosa
Eu digo que ela é gostosa
Tem a noite e tem o dia
A poesia e tem a prosa
Eu digo que ela é gostosa
Tem a morte e tem o amor*
(Caetano Veloso)

A missão

O amante é generoso. A sensação de integração se expande a tudo e a todos trazendo preocupações com as desigualdades sociais. Momento nem sempre relatado, mas quase sempre presente.

*Agora eu vou cantar pros miseráveis
que vagam pelo mundo derrotados
pra essas sementes mal plantadas(...)
Pra quem não sabe amar*
(Frejat e Cazuza)

*Brasil, mostra tua cara, quero ver quem paga
pra gente ficar assim(...) Não me ofereceram
nem um cigarro, fiquei na porta estacionando
os carros. Não me elegeram chefe de nada,
o meu cartão de crédito é uma navalha*
(Nilo Romero, George Israel e Cazuza)

OLHOS E PELE

Retomemos os relatos iniciais em seus seis momentos. Não foi à toa que escolhi um caminho menos óbvio pra falar do êxtase. Experimente você comparar a costura musical que fiz com outras costuras. Por exemplo, relatos de vidas de santos como Teresa



de Ávila, Francisco de Assis, ou mesmo Inácio de Loyola com seus exercícios espirituais... Seria possível fazê-lo, até mesmo por serem referências na bibliografia sobre o assunto.

A escolha que fiz foi pela aproximação com o amor romântico. Pois considero que abre uma ponte de diálogo maior com a nossa cultura tão marcada por essa expressão de êxtase.

Reveja os passos iniciais e compare com o uso de drogas. Novamente estaremos falando de fenômenos similares. A meu ver, o mesmo é válido para o amor romântico. O amor impossível e alcançado na paixão que ao mesmo tempo não esgota a busca: porque esfria ou porque se aquece em um novo encontro... Mesmo o amor romântico é incapaz de realizar a tarefa a que se propõe — a integração total do ser.

Mas qual é mesmo a integração que se quer?

Parece gritante que se quer a integração do corpo. Este que ficou dividido em algum momento da história pessoal e ocidental. Dividido em corpo e mente, ou em olhar e tocar... Separado do outro como quem olha pro espelho e não vê a si mesmo... Você já não teve essa impressão de que aquele corpo no espelho está sendo visto por você e por todo mundo?... Pois é, esse que é “visto por todo mundo” é o corpo ideal... Símbolo inalcançável de prazer e de satisfação... Do lado de cá do espelho fica o corpo que reclama por não conseguir chegar ao sonho que o angustia... O sonho de integrar aquilo que vê (não seria melhor dizer: como é visto — afinal “todo

mundo olha” junto) com aquilo que sente... Impossível tarefa de juntar o corpo que vê (por que ficou autônomo e vê “como todo mundo”) com o corpo que sente.

Feita esta pausa, retomemos o amor romântico. É o encontro com o outro que vai me satisfazer totalmente na paixão. O outro é aquele a quem vou me dedicar e por quem vou me transformar, pois seus olhos me vêem como ser amado. Mas só a perfeição, só alguém perfeito poderá me curar, juntar-me de minha separação — e assim me agito, me mudo em tudo, pra lhe agradar e atingir o êxtase nos nossos encontros. Há quem diga que não exista pior dor que descobrir que a pessoa amada é de carne e osso, vai ao banheiro, cheira mal... Às vezes é o início do fim da paixão.

Seguindo mais para fora do corpo ainda o êxtase é um caminho de busca de integração do próprio corpo. Totalmente apaixonado por alguém, do lado de cá permaneço uma unidade, sinto-me uma unidade equilibrada — me vejo pelos olhos que me amam — encontro a paz eternamente procurada...

Nas experiências de êxtase brasileiras conta-se, ao que parece, com a matriz da experiência do amor romântico, presente no que se poderia chamar de cultura comum, ou arquétipo, ou marca do inconsciente coletivo. É o que indicam alguns dos mais variados relatos de conversão.

Convertidos se valem dos rituais de busca do êxtase, que em última instância reforçam a situação de se viver um grande amor. É na busca fora do corpo que se procura a sua reintegração. Os rituais parecem ajudar a que se faça de vez a viagem de sair do corpo a fim de reencontrá-lo ao lado do ser perfeito amado.

CONHECIMENTO...

Todas essas experiências seriam uma falácia? Parece-me que esta seja uma falsa questão. Mais pertinente seria detectar-lhe o significado como produção de sentido. Afinal não é pouco que alguém sintasse em paz, “paz celestial”, e tenha uma visão do mundo em que todas as coisas estão integradas entre si e o próprio corpo por um único e grande amor.

Talvez aí se reafirme a questão. Não mais pela falácia, mas pela força do argumento de quem sente

ter encontrado a grande verdade. E não é de hoje que se afirma o caminho do êxtase como via do conhecimento... Recapitule-se o Cristianismo primitivo, ou os românticos, ou mesmo os alquimistas e os pensadores clássicos até chegarmos às experiências de êxtase coletivo que tanto geraram um Ghandi no Oriente, como um Hitler no Ocidente... É, a experiência de êxtase pode ser a base material para uma articulação ideológica... Esse parece ser o problema: que se derivem de uma via de êxtase verdades universais que devem ser aplicadas a todos.

Não é preciso muito esforço para avaliar como é difícil demover alguém da idéia de que outros tam-

bém encontraram o grande amor. Por caminhos e com alguém que não é o seu grande amado.

Já lhe passou pela cabeça, então, que alguém admita que o corpo que se sente tão integrado pelo olhar do amado, possa ser visto em pedaços pelos olhos daquele que o outro ama... Temos uma guerra. É preciso destruir os olhos que desintegram... Acho que, ao menos no Ocidente, já estamos cansados dessas guerras sem fim.

O olhar do outro não precisa ser derrotado. O meu êxtase não precisa ser transformado em caminho único para todos. A busca da verdade pode incluir a experiência do outro, humildemente, e a sua geração de idéias. Afinal, como disse Morris Berman "o ser humano possui as idéias, mas as ideologias possuem o ser humano".

Rafael Soares de Oliveira é psicólogo e coordenador da Unidade Ecumenismo e Cultura de KOINONIA.

PUBLICAÇÕES DE KOINONIA

ÁGUAS DO REI

Ordep Serra

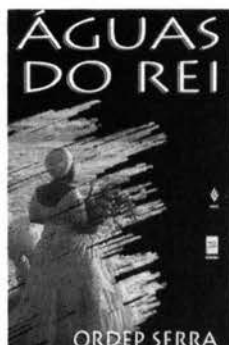
Co-edição com Editora Vozes

1995

Para o autor, "o sincretismo católico-afro-brasileiro não resultou apenas de equívocos induzidos por uma cristianização precária ou tão-somente de artifícios empregados pelos negros para assegurar a realização de seu culto sob capa de atos devocionais cristãos".

Não se consegue ler estes ensaios sem se sentir profundamente tocado pelas revelações nele contidas.

Ordep Serra é bacharel em Letras, mestre e doutorando em Antropologia Social. Autor de livros e ensaios sobre temas de religião, literatura, política indigenista, culturas clássicas e temas afro-brasileiros.



ESCRAVOS DA DESIGUALDADE

Um estudo sobre o uso repressivo da força de trabalho hoje.

Neide Esterici

1994

Este livro trata do significado político do termo "escravidão", indica a diversidade de contextos socioculturais em que as situações denunciadas ocorrem e analisa mecanismos de legitimação e formas de resistência no Brasil e no mundo.



BRASIL: A PIOR DISTRIBUIÇÃO DE RENDA DO PLANETA. Os excluídos.

Paulo Schilling

1994

Como explicar o fato de que enquanto a economia brasileira ocupa o 9º lugar em nível mundial, o Brasil, pelo índice de Bem-Estar da ONU, esteja classificado em 63º? A opção pela aplicação das políticas neoliberais, a dívida externa, a situação do trabalho no campo e na cidade podem oferecer explicações para esta situação, que são analisadas neste livro.



POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO NO VALE DO SÃO FRANCISCO. O Pólo Sindical e a luta dos atingidos pela barragem de Itaiparica.

Aurélio Vianna e Laís Menezes

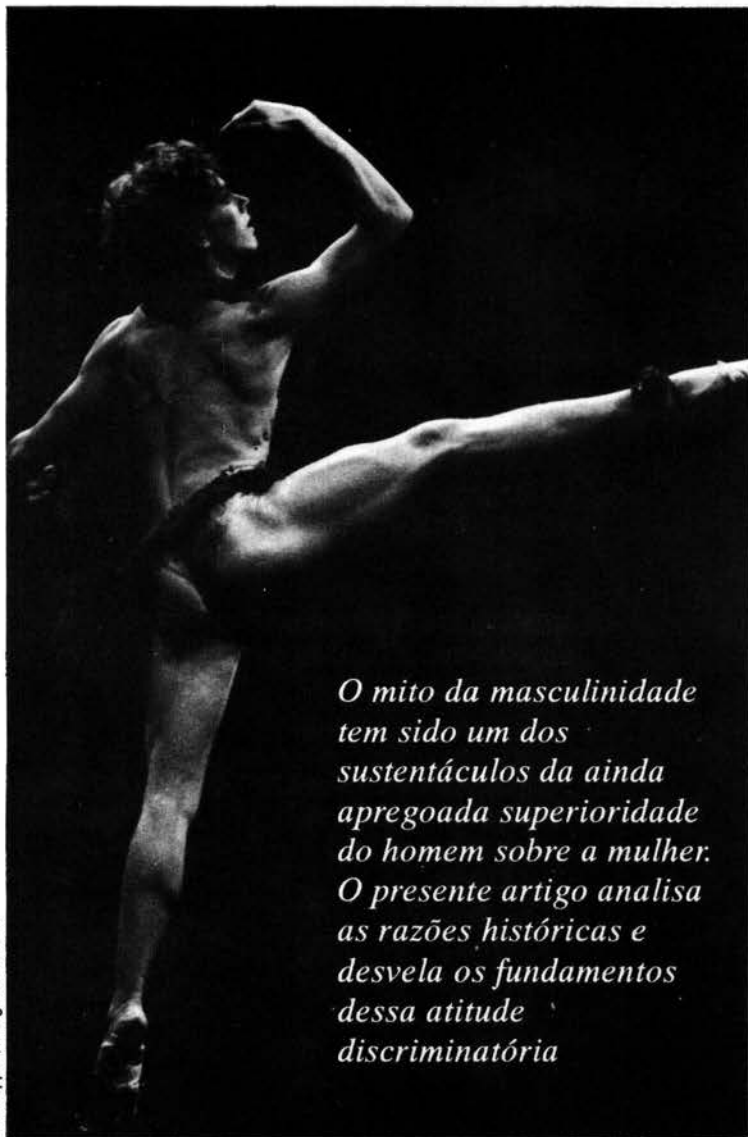
1994

A construção de barragens tem gerado uma ampla luta por reassentamento de agricultores atingidos. A experiência do Pólo Sindical dos trabalhadores do Submédio São Francisco enfrenta este e outros problemas como grilagem, seca, desrespeito aos direitos trabalhistas, violência. No entanto, há conquistas que são compartilhadas e refletidas neste livro.



A CONDIÇÃO MASCULINA

Sócrates Nolasco



O mito da masculinidade tem sido um dos sustentáculos da ainda apregoada superioridade do homem sobre a mulher. O presente artigo analisa as razões históricas e desvela os fundamentos dessa atitude discriminatória

J.R. Ripper / Imagens da Terra

A primazia e o privilégio masculino na ocupação de posições sociais de mando, tem sustentado uma crença a respeito da superioridade dos homens diante das mulheres. É comum encontrarmos nas histórias sobre o primogênito uma certa expectativa messiânica de salvação e de sucesso. Durante muitos séculos,

ter um filho homem era o mesmo que abrir para grupos familiares um campo de possibilidades para ampliação do patrimônio, do prestígio e do poder.

Parâmetros. De um lado, a vida de reis ou de grandes realizadores serviam de parâmetro por meio do qual os meninos deveriam se iden-

tificar na busca de inserção no mundo. A masculinidade tem uma dimensão trágica e se caracteriza por sucessivos testes. Na Odisséia de Homero, Ulisses é continuamente testado a demonstrar sua força viril, que aumenta quando consegue vencer mais um desafio. Para cada gol que ele marca nesse jogo, a galera o qualifica como um homem-herói. É esse reconhecimento social que os meninos devem buscar. Assim sendo, irão diminuindo as dúvidas sobre se eles realmente são homens. A homossexualidade sempre fez parte da história dos homens, ela aproxima gays de homofóbicos, revelando-os como habitantes da Ilha do Nunca.

Com a criminalidade não é diferente. Aos quatorze anos, Brasileiro já oferecia indicativos de virilidade e sucesso em sua empreitada. Os homens também são incitados a sufocar a palavra por meio da força física, a começar por eles mesmos. Tanto um revólver quanto um grande bíceps, podem ser grandes lápidas.

Ao lermos a história de Ulisses, na Odisséia, encontramos uma grande aventura que o separa de Penélope. Uma aventura que evita tanto uma intimidade, quanto aproximação cotidiana. Penélope é essa marca do humano que exige mais que superficialidade e grandes realizações. E ela espera, não só porque é mulher, mas por sentir-se cúmplice e tolerante. Seu compromisso está ligado ao que ela sente, vive e acredita. Mais do que a relação entre um homem e uma mulher, Penélope representa uma forma de vínculo entre os homens, em que o prazer, a angústia e a solidariedade se revelam; sem

isto, o que impera é violência, solidão e vazio.

O barco de Ulisses com seus homens se assemelha ao do presidente com o Congresso ou ainda do técnico com seu time e torcida. Se a *Odisséia* aponta para um modelo de masculinidade a ser seguido, a *Ilíada* nos informa que este modelo se insere em um contexto de guerra, a de Tróia. Sob um certo modelo da liderança viril, uma guerra se fez e ainda se faz.

Socialização. Masculinidade e violência guardam entre si laços de estranheza e complementaridade. O homem que mata deve ser condenado. Mas devemos pensar também no processo de socialização dos meninos. Mais do que discutirmos por que menino não brinca de boneca, devemos pensar por que ele deve brincar com armas e ter seu corpo modelado por técnicas de defesa pessoal desde os quatro anos de idade.

MASCULINIDADE E VIOLÊNCIA

"Seja o que for a masculinidade, ela é prejudicial aos homens" (Heather Formani).

Esta reflexão encontra eco em diversas análises, em que autores apontam que o envolvimento dos homens com a violência pode ser identificado em três aspectos: violência com relação à mulher; violência com relação a outros homens e violência contra si mesmo.

Pode-se pensar se os comportamentos violentos não são decorrentes de estados de insegurança e desajustamento em face das impossibilidades de desempenho e perfilamento dos homens, diante das exigências impostas por uma determinada representação masculina oriunda do sistema patriarcal.

Para não adotarem comportamentos violentos, os homens precisariam saber discriminar e direcionar o estímulo

A cumplicidade e a tolerância se desenvolvem a partir de vínculos interpessoais e não por meio de demagógicos credos religiosos ou tratados políticos. Neste sentido, a amizade entre homens é terra de ninguém, campo de medo de uma organização emocional confusa resguardada no escudo da homossexualidade.

No Brasil, existem preconceitos velados em torno da discussão sobre a Condição Masculina. Uma visão simplista da questão a coloca diante de dúvidas sobre identidade sexual ou se é um modismo importado.

No Brasil, somos campeões em acidentes de trânsito tanto com vítimas fatais quanto não fatais. O contingente de desempregados, presos, envolvidos desde pequenos delitos a homicídios é majoritariamente de homens. Mesmo assim, procura-se reduzir a questão a uma ótica orgânica referida à impotência, ao tamanho do pênis e à homossexualidade.

que precocemente receberam, e que os informava de que seriam reconhecidos como homens através do engajamento e capacitação para a luta física, a competição e a vitória.

Violência, neste contexto, pode ser compreendida não só como sendo decorrente da maneira como está definido o papel social dos homens, mas também como parte de um processo de desenvolvimento psicológico que gera conflitos e dificuldades que precisam ser observados e levados em conta. Os homens não nascem violentos, porém podem encontrar na violência uma possibilidade para representar seus conflitos mais primitivos, para reproduzir a cena onde eles se sentiam sob a guarda da agressão.

FONTE: Sócrates Nolasco (trechos) in: Comunicação & Política, "Mídia, Drogas e Criminalidade", v.1, n.2, dezembro 1994 – março 1995.

Referências. O que qualifica uma crise não é o estado caótico das coisas, mas o uso de formas ultrapassadas para equacionar problemas e tentar resolvê-los. É uma ilusão pensar que o exército na rua irá conferir ordem ao caos. Isto sim é um indicador de crise. Curiosamente há homens nos dois lados: dentro dos tanques e nas encostas dos morros. Ambos armados e buscando um alvo, como o arco de Ulisses. Mas por que será que o tiro dado pela polícia sobre o bandido nos alivia, e no caso contrário, somos tomados por indignação? Estes homens não podem ser julgados pelo crime de serem homens. O duelo, o boxe, as brigas de rua são práticas masculinas. É isto que lhes é dito desde a infância. Vivemos um tempo de exaltação desses valores viris.

Desde a infância os meninos são estimulados a atirar. Fala-se da violência no Rio de Janeiro como se ela fosse virótica. Discute-se a violência sem uma crítica aos padrões de masculinidade vigentes em nosso país. No que tange a ser homem, aqui não se tem escolha.

A busca de referências de masculinidade deve caminhar junto com a consolidação da democracia na esfera pública. Deste modo, talvez possamos desenvolver lideranças masculinas mais solidárias, tolerantes e preparadas, menos comprometidas com aquisição e acúmulo de bens, e mais envolvidas com a realização emocional das pessoas. Isto nos auxiliaria na construção de sociedades com "massas de mais qualidade", deixando também, como legado para as próximas gerações, o indicativo de que nossa "salvação" reside na maneira como construímos e investimos em nossos vínculos interpessoais.

Sócrates Nolasco é professor da Escola de Comunicação da UFRJ e autor dos livros: *Mito da Masculinidade* e *A Desconstrução do Masculino*, ambos da Rocco.

RADARES AVARIADOS

Márcio Santilli

O projeto SIVAM, seus objetivos, a forma como foi elaborado, as suas relações internacionais e as suas implicações estratégicas para o Brasil têm sido objeto de amplas e questionadoras discussões, além de graves denúncias. Todos esses aspectos e outros mais são debatidos de forma segura e esclarecedora neste artigo

Após o fracasso do Projeto Calha Norte, os setores militares responsáveis pela segurança nacional passaram a procurar novos modelos que pudessem dar continuidade à estratégia de controle militar da Amazônia. Formularam o Sistema de Proteção da Amazônia (SIPAM) — que logo se desmembrou, em virtude dos altos custos e das dificuldades políticas para a completa implementação, e deu lugar ao surgimento do Sistema de Vigilância da Amazônia (SIVAM), um projeto mais simples, que consiste na compra, instalação e operação de um sofisticado sistema de radares para controlar todo o espaço aéreo da região amazônica.

Outro enfoque. O SIVAM foi concebido em parâmetros conceituais bem diversos dos do Projeto Calha Norte. Em lugar de controle territorial, ocupação de “vazios demográficos” por contingentes migratórios, o SIVAM enfocou a questão do espaço aéreo, por onde o contrabando, o narcotráfico e o garimpo ilegal atuam na Amazônia em geral, e optou por uma proposta

tecnológica, mais moderna, para a promoção da defesa daquela região. A hegemonia anterior do Exército, que se baseava num estilo de ocupação pesada, cedeu espaço para um lógico fortalecimento do papel da Aeronáutica e para uma concepção, pelo menos retórica, de proteção à floresta e às suas populações, deixando de privilegiar o inimigo externo que supostamente pretendia “internacionalizar a Amazônia”, impondo um conceito de “soberania restrita”.

O SIVAM é, teoricamente, um projeto do Ministério do Meio Ambiente (MMA), vinculado à sua Secretaria Nacional da Amazônia Legal. Porém sua coordenação pertence à Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), onde opera uma comissão, da qual participam a Aeronáutica e as empresas envolvidas no Projeto. O MMA lhe confere um carimbo verde, imprescindível para ter acesso a recursos externos a fim de tornar viável o projeto, mas a coordenação permanece na área de influência dos militares que o inspiraram. O antigo inimigo externo, agora provável fi-

nanciador, não aceitaria a idéia de um projeto estritamente militar.

Crítérios. Porém, o SIVAM foi efetivamente tratado como projeto estratégico, subordinado a critérios de confidencialidade, com ausência absoluta de transparência democrática, o que acabou mergulhando-o em controvérsias, e numa saraivada de denúncias que poderão detoná-lo. A SAE optou pela dispensa de licitação pública para a escolha das empresas envolvidas no SIVAM, justificando essa postura com as razões inerentes à segurança nacional.

Houve, inicialmente, questionamentos das Organizações Não-Governamentais (ONGs) sobre a falta de transparência e de licitações públicas, além da previsão da instalação de alguns radares em terras indígenas.


Denúncias. Em seguida, surgiu a denúncia de que a escolha da empresa norte-americana Raytheon como fornecedora dos equipamentos, havia sido feita — sem licitação pública — sob a influência da Agência Central de Informações (CIA), que teria informado autoridades brasileiras sobre tentativas de suborno praticadas pela empresa francesa concorrente Thompson. A Raytheon é a empresa responsável pela construção dos mísseis *patriot*, usados contra os *scuds* iraquianos durante a Guerra do Golfo. Não faltaram cartinhas de políticos norte-americanos, inclusive do Senador Kennedy, em favor da Raytheon. Bill Clinton telefonou para Itamar Franco, cacifando a empresa, que

O SIVAM foi efetivamente tratado como projeto estratégico, subordinado a critérios de confidencialidade, com ausência absoluta de transparência democrática

já havia sido questionada na Justiça dos EUA por sonegação de impostos. O contrato do SIVAM envolve 1,4 bilhão de dólares.

A imprensa publicou denúncias de parlamentares e militares brasileiros de que o controle das informações do sistema estaria nas mãos da Raytheon — pelo menos — nos primeiros cinco anos de funcionamento, período de implantação dos radares e das centrais de controle. Afirmaram, também, que o sistema, apesar do seu alto custo, se limitaria a detectar invasões do espaço aéreo, e que não haveria condições atuais de se interceptar as aeronaves invasoras. Levantaram até dúvidas sobre a detecção de aviões em vôo baixo.

Sem licitação. A SAE negou que a Raytheon (e os EUA) deteria o controle das informações, afirmando que tal controle ficaria em mãos da ESCA, empresa brasileira que seria contratada — sem licitação — para desenvolver e operar o *software* do sistema, e, portanto, sob controle do governo brasileiro. Apurou-se depois que a ESCA é presidida por um equatoriano na-



SIVAM
O Sistema de Vigilância da Amazônia pretende examinar os 5,2 milhões de quilômetros quadrados da Amazônia. Constitui-se de uma rede integrada de telecomunicações de imagens obtidas por satélites e de sistemas de sensores variados.

CINDACTA
É o Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo.

CINDACTA III

CINDACTA I

CINDACTA II

OS PONTOS OSCUROS DO SIVAM

1. O governo não fez uma licitação para escolher as empresas encarregadas de fornecer os equipamentos do SIVAM e de gerenciar o sistema. Em vez disso, criou um "processo de seleção", sem seguir a lei que regulamenta as concorrências públicas no Brasil.
2. A justificativa para dispensar a licitação foi que o SIVAM era um projeto sigiloso e de segurança nacional. Apesar disso, o governo enviou as informações do sistema para 16 embaixadas estrangeiras.
3. O jornal *The New York Times* revelou em fevereiro a interferência de agentes da CIA na disputa pelo SIVAM. Eles teriam descoberto uma tentativa da empresa francesa Thomson de subornar funcionários do governo brasileiro. A informação teria sido repassada ao governo brasileiro, que optou pela norte-americana Raytheon.
4. Henri Plagnol, funcionário do Conselho de Estado francês, disse que foi apresentado a uma agente da CIA pelo brasileiro Christian Meyer. Meyer se apresentava na França como representante do governo do Amazonas.
5. O governo brasileiro acredita que os americanos obtiveram informações secretas sobre as propostas da Thomson na disputa pelo SIVAM.

O PROJETO ESTÁ ORÇADO EM US\$ 1,4 BILHÃO, CONTEMPLANDO 39% DE MATERIAL E SERVIÇOS BRASILEIROS.

Fonte: FSP, 17/03/95.

O QUE É O PROJETO SIVAM?

O SIVAM nada mais é do que um instrumento do Sistema de Proteção da Amazônia (SIPAM). Vinculado a 11 ministérios, tem a função de coordenar ações de todos os órgãos responsáveis pela Amazônia, seguindo a filosofia do desenvolvimento sustentado.

De acordo com o projeto, caberá ao SIVAM fornecer todas as informações necessárias ao SIPAM, controlando o espaço aéreo e terrestre dos 5,2 milhões de quilômetros quadrados da Amazônia, habitados por 16,5 milhões de pessoas. Um dos objetivos do SIPAM é o controle da biodiversidade: a região tem 1.400 tipos de peixes, 1.300, de pássaros e 300, de mamíferos.

Para fazer esse monitoramento, o SIVAM contará com 17 radares fixos, seis móveis e oito aviões equipados com sensores, e utilizará também imagens de satélites. Todos esses dados serão reunidos em 300 plataformas e enviados a Manaus, Belém e Porto Velho.

Para tornar viável a criação do SIVAM, o governo brasileiro foi autorizado pelo Senado a tomar empréstimos de US\$ 1,4 bilhão — US\$ 300 milhões a mais do que os Estados Unidos gastaram com a construção da nave espacial Colúmbia — numa operação que também suscitou denúncias de irregularidade. A autorização foi dada em 21 de dezembro de 1994, nos últimos dias do governo Itamar Franco, quando o empréstimo foi votado em regime de urgência sob o argumento de que se tratava de matéria de segurança nacional.

Fonte: JB, 14/04/95

ridícula para um governo de propostas privatizantes.

Falta transparência. Vamos saber, nos próximos capítulos desta novela, qual será o destino do SIVAM, se ele terá salvação ou morrerá no nascedouro. O certo é que contratos deste vulto não passarão despercebidos pela opinião pública. Pouco importam os variados — e até obscuros — interesses em detonar o SIVAM. O concreto é que 1,4 bilhão dólares, parte do custo total do projeto, é dinheiro que não pode se esvaír em contratos sem licitação, na penumbra em que circulam os auto-imputados guardiães da segurança nacional.

O melhor caminho para a salvação do SIVAM — o resgate do seu avanço conceitual e da possível eficácia ambiental e social das informações que ele visa produzir —, é o caminho da transparência. Sua coordenação deveria retornar ao Ministério do Meio Ambiente e ser compartilhada por ONGs e empresas sérias, escolhidas em concorrências democráticas, comprometidas com o objetivo de incentivar o acesso e o uso das informações para todas as instituições e setores sociais interessados.

Márcio Santilli é secretário-executivo do Instituto Socioambiental, em Brasília.

O melhor caminho para a salvação do SIVAM — o resgate do seu avanço conceitual e da possível eficácia ambiental e social das informações que ele visa produzir — é o caminho da transparência

projetos que implicariam no ingresso de novos recursos externos no País.

Porém, a intenção do Presidente foi detonada por outra denúncia de parlamentares de que a ESCA, não apenas devia à Previdência Social, como também havia falsificado guias de recolhimento de supostas contribuições. A empresa não dispõe de certificado de quitação com a Previdência, documento legalmente indispensável para firmar contratos com o governo. O Ministro da Previdência confirmou as denúncias, e o Presidente concordou em adiar a assinatura do contrato. Como a ESCA teve sua escolha justificada pela SAE por ser a única empresa brasileira capaz de operar o SIVAM, há quem diga que o projeto sofrerá adiamento por cerca de seis anos, até que se constituam outras empresas capazes no Brasil. Houve até quem propusesse a estatização da ESCA como solução para o impasse, situação que seria irônica e

turalizado norte-americano, e também por um militar aposentado brasileiro.

Apesar de todas as controvérsias, o Presidente Fernando Henrique Cardoso estava decidido a promover a assinatura do contrato com a ESCA e a Raytheon antes da sua viagem aos EUA, iniciada em 18 de abril. Estava convencido da necessidade do SIVAM e de dar indicações claras de que o governo brasileiro estava interessado em viabilizar rapidamente todos os

O RESSURGIMENTO DO ISLAMISMO

Os setores mais marginalizados da sociedade africana encontram na religião muçulmana apoio espiritual e uma forma de contestar o materialismo ocidental.

Graças à onda de expansão do Islamismo na África, hoje essa religião é a que mais cresce no continente, onde quase a metade de seus países são muçulmanos.

Os países mais populosos da África — Nigéria, Egito, Etiópia e Zaire — possuem cerca de 120 milhões de muçulmanos. “O Islamismo está crescendo e logo vamos aumentar esse número em muitas centenas de milhares”, garantiu Khalid Balala, dirigente do Partido Islâmico Radical do Quênia (PIR).

Atualmente, há mais muçulmanos na Nigéria do que em qualquer país árabe. Em 1981, cerca de 100 mil muçulmanos nigerianos fizeram a peregrinação a Meca. O grupo constituiu o maior contingente de todas as nações muçulmanas que visitaram a cidade sagrada do Islã.

O Zimbábue, que até agora tinha pouca penetração muçulmana, constitui o exemplo mais vivo da grande aceitação que o Islamismo está tendo entre os africanos. “O Islã não é tanto uma religião quanto uma forma geral de vida. Você é muçulmano todos os dias e em todos os momentos”, garantiu o zimbabuense Abdul Abdur Rahmán, de 25 anos, entrevistado em uma das nove mesquitas da capital, Harare.

Rahmán, ex-católico convertido em 1988, chegou mesmo a mudar seu nome de batismo, Ivan Vera. “Analisiei os fatos, li muito e decidi que o Islã era o que eu buscava”.

O ressurgimento islâmico — ou seja, a busca de uma salvação espiritual — é, em parte, produto das dificuldades da existência diária. Seus mais decididos seguidores provêm de setores marginalizados. Segundo o historiador queniano Ali Mazrui, o Islamismo surge em geral “de uma situação desfavorável e do desespero”.

Já na opinião de Susan MacDonald, que tem estudado o Islamismo no Senegal e na região do Sahel (abrange o limite sul do Saara, desde o Atlântico ao mar Vermelho, e inclui zonas da Mauritânia, Mali, Níger, Chade, Sudão e Etiópia), as pessoas “assumem o rígido código moral para obter um sentido de direção na vida”.

SÉCULOS DE HISTÓRIA

O Islamismo tem raízes muito fortes na África, apesar de que o Cristianismo — com exceção da Etiópia — tenha sido a religião dos colonizadores.

Em meados do século X, a religião se estendeu do norte da África rumo à região do Sahel, levada pelas caravanas que uniram os impérios da África oriental ao Mediterrâneo. No Egito, ela penetrou no século X e na África do leste, esse contato ocorreu mais ou menos nessa

época, principalmente através do mar Vermelho e do oceano Índico.

Nos Estados africanos com predomínio de muçulmanos, o ressurgimento islâmico pode ser visto como um retorno às raízes. Porém, também pode ser visto como uma rejeição ao materialismo ocidental. Nas universidades africanas, durante as décadas de 1960 e 1970, os estudantes radicais viram o socialismo como uma forma de solucionar os problemas das suas sociedades. Hoje, esse lugar é ocupado pelo Islamismo.

A nova onda muçulmana também mostrou um islamismo de base popular em busca de uma autoridade ortodoxa, como aconteceu na grande quantidade de revoltas militares no norte da Nigéria, na década de 1980.

O pesquisador Thomas Hodgkins caracteriza a tradição radical islâmica como “sempre à disposição de um povo oprimido e com uma ideologia pronta, capaz de organizar movimentos de massa”. Já o historiador Mazrui considera que a “tolerância autóctone” das antigas tradições africanas “moderou a tendência à rivalidade entre o Cristianismo e o Islamismo”.

Fonte: Cadernos Terceiro Mundo, nº 182, fevereiro de 1995.

ÍNDICE TEMPO E PRESENÇA 1994

Autores

ADRIANO FILHO, José; VAZ, Jane Falconi. *F. A perigosa imagem do poder*. 16(277):38-9, set./out.

ALVES, Rubem. *Alegria*. 16(273):34-5, jan./fev.

_____. *As velhas casas ...* 16(276):3-4, encarte, jul./ago.

_____. *Mula-sem-cabeça*. 16(278):36-7, nov./dez.

_____. *O prazer*. 16(274):38-9, mar./abr.

_____. *Piracema ou piração*. 16(277):36-7, set./out.

_____. *Tempus Fugit; carpe diem*: o tempo foge; curta o dia. 16(275):22-5, mai./jun.

AMORIM, Maria Stella de. *Tecnocracia: saber ou poder?* 16(274):23-5, mar./abr.

BALCÃO, Nilde. *A trajetória do CEDI no movimento sindical*. 16(278):18-20, nov./dez.

BALDUINO, Tomás. *O CEDI e a diocese de Goiás*. 16(274):34, mar./abr.

BARSTED, Leila de Andrade Linhares. *A revisão da modernidade a partir dos desafios de gênero e raça*. 16(276):16-8, jul./ago.

BASTOS, Suely. *Do conservadorismo da crítica à representação*. 16(274):16-8, mar./abr.

BINGEMER, Maria Clara L. *A teologia: vulnerabilidade da razão*. 16(276):26-8, jul./ago.

BOFF, Leonardo. *O que salva o povo é a mística*. 16(275):12-4, mai./jun.

BOTAS, Paulo César Loureiro. *A erótica do arrebatamento*. 16(275):28-30, mai./jun.

_____. *O CEDI foi muito mais*. 16(275):33-4, mai./jun.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Do outro lado da América*. 16(274):31-2, mar./abr.

_____. *"O sertão é dele"*: algumas imagens de Deus e outros em João Guimarães Rosa. 16(275):18-21, mai./jun.

BRUNO, Regina. *ABAG: a nova face das elites agroindustriais*. 16(274):11-2, mar./abr.

CAMARGO, José Márcio. *Inflação ou desemprego*. 16(277):24-6, set./out.

CAMURÇA, Maurício. *Diversidade religio-*

sa: realidade que se impõe. 16(273):19-20, jan./fev.

CASTILLO, Fernando. *A apatia chilena: eleições e projeção política*. 16(273):32-3, jan./fev.

CEDI. Programa de Assessoria à Pastoral. *Revisitando um trabalho ecumênico*. 16(278):30-2, nov./dez.

CHEIBUB, Zairo B. *Elites sociais: definição e implicações para a democracia*. 16(274):5-7, mar./abr.

COSTA, Beatriz; RAMALHO, Jether Pereira; SADER, Emir. *Brasil, eleições 94: ano de copa do mundo e de eleições*. 16(273):4 p., encarte, jan./fev.

CUNHA, Diana Anorovich. *CEDI: convívio solidário e construtivo*. 16(277):32, set./out.

DARCH, Colin. *Vitória da dignidade*. 16(275):35-6, mai./jun.

DIAS, Zwinglio Mota. *CEDI: onde o diferente sempre lutou para não ser o contrário*. 16(274):33, mar./abr.

DINIZ, Eli. *O empresariado diante das próximas eleições*. 16(274):8-10, mar./abr.

ESTERCI, Neide. *Um programa em sintonia com seu tempo*. 16(278):27-9, nov./dez.

FRY, Peter; RAMALHO, José Ricardo. *Moçambique: transição para a democracia*. 16(274):35-7, mar./abr.

GARCIA, Paulo Roberto Salles. *Jornada nas estrelas*. 16(278):33-5, nov./dez.

GEBARA, Ivone. *Das curas e feridas do amor*. 16(275):26-7, mai./jun.

GRILLO, José Geraldo Costa. *Deus pede conta à cidade*. 16(276):29-30, jul./ago.

HADDAD, Sérgio; RIBEIRO, Vera M. *Massagão. Educação popular: entre o passado e o futuro*. 16(278):14-7, nov./dez.

HEES, Dora Rodrigues; SOUZA, Sonia Bastos de. *Novo retrato populacional do Brasil*. 16(273):5-8, jan./fev.

IÓRIO, Maria Cecília; MEDEIROS, Leonilde Sêrvolo de. *Trabalhadores do campo: redefinindo relações*. 16(278):8-10, nov./dez.

IÓRIO, Maria Cecília; ROGEL, Guillermo. *Campo, urbanização e desenvolvimento*. 16(273):9-11, jan./fev.

IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. *A glória de*

Deus é o pobre com vida. 16(275):39, mai./jun.

_____. *Modernidade, pós-modernidade, utopia*. 16(276):11-2, jul./ago.

_____. *Sonhar é enfrentar a exclusão*. 16(278):11-3, nov./dez.

KUSCHNIR, Karina. *O significado do voto*. 16(277):19-20, set./out.

MACIEL, Elter Dias. *Dimensões do pensamento*. 16(275):5-7, mai./jun.

MAGGIE, Yvone. *Escravidão hoje*. 16(278):43, nov./dez.

MARASCHIN, Jaci. *Arte e teologia*. 16(275):8-11, mai./jun.

MARTINS, Beatriz Araújo. *Brasil, eleições 94: grandes questões nacionais — como pensam os principais candidatos*. 16(276):4 p., encarte, jul./ago.

MARTINS, Heloísa de Souza. *Compromisso, ousadia e sonho*. 16(275):31-3, mai./jun.

MATTOS, Paulo Ayres. *A ousadia de superar-se multiplicando-se*. 16(276):1-3, encarte, jul./ago.

_____. *Histórica reunião ecumênica na África do Sul*. 16(273):36, jan./fev.

MEDEIROS, Leonilde Sêrvolo de; IÓRIO, Maria Cecília. *Trabalhadores do campo: redefinindo relações*. 16(278):8-10, nov./dez.

MENEZES, Lais. *Crise ambiental*. 16(276):23-5, jul./ago.

MERCADANTE OLIVA, Aloízio. *Resgate da cidadania e da ética*. 16(274):26-8, mar./abr.

MINELLA, Ary. *Os vilões da crise*. 16(274):13-5, mar./abr.

MO SUNG, Jung. *Novo paradigma econômico*. 16(276):13-5, jul./ago.

MONTEIRO, John Manuel. *A dança dos números: a população indígena do Brasil desde 1500*. 16(273):17-8, jan./fev.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. *Mulher e família na sociedade brasileira*. 16(273):14-5, jan./fev.

NEGRO, Antonio Luigi. *O caráter fundamental do trabalho de terceiros*. 16(274):43, mar./abr.

NIILUS, Leopoldo J. *Desafio e vitalidade dos movimentos étnico-nacionais*. 16(277):5-7, set./out.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. *Cuba: esperança e solidariedade*. 16(277):34-5, set./out.

PACHECO, Maria Emília Lisboa. *Retórica da participação*. 16(273):39, jan./fev.

PADRÃO, Luciano Nunes. *União Européia: notas de um diálogo*. 16(277):14-5, set./out.

PEREIRA, Maurício Broinizi. *Mudanças no mundo do trabalho*. 16(273):12-3, jan./fev.

PRESSBURGER, T. Miguel. *Elites dominantes: o judiciário*. 16(274):19-20, mar./abr.

RAMALHO, Jether Pereira. *Quebra-se o vaso; nascem novas plantas*. 16(273):28-31, jan./fev.

RAMALHO, Jether Pereira; SAMPAIO, Plínio de Arruda. *Brasil, eleições 94: uma história que gira em falso*. 16(274):4 p., encarte, mar./abr.

RAMALHO, Jether Pereira; SADER, Emir; COSTA, Beatriz. *Brasil, eleições 94: ano de copa do mundo e de eleições*. 16(273):4 p., encarte, jan./fev.

RAMALHO, José Ricardo. *Mudanças no trabalho e desafios sociais*. 16(278):5-7, nov./dez.

RAMALHO, José Ricardo; FRY, Peter. *Mozambique: transição para a democracia*. 16(274):35-7, mar./abr.

RECH, Daniel. *O direito das águas*. 16(277):27-8, set./out.

REIMER, Haroldo. *Exemplos para a justiça: sobre elites na bíblia*. 16(274):41-2, mar./abr.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *Crise dos paradigmas: abandono ou reinvenção?* 16(276):8-10, jul./ago.

RIBEIRO, Vera M. Masagão; HADDAD, Sérgio. *Educação popular: entre o passado e o futuro*. 16(278):14-7, nov./dez.

RICARDO, Carlos Alberto. *Epílogo de uma síntese dissonante*. 16(277):29-31, set./out.

_____. *Povos indígenas 1974/1994: de "vítimas do milagre" a "aliados para o futuro"* — Ensaio fotográfico. 16(278):21-4, nov./dez.

ROGEL, Guillermo; IÓRIO, Maria Cecília. *Campo, urbanização e desenvolvimento*. 16(273):9-11, jan./fev.

SADER, Emir. *FHC: amálgama do novo e do velho*. 16(277):21-3, set./out.

SADER, Emir; RAMALHO, Jether Pereira; COSTA, Beatriz. *Brasil, eleições 94: ano*



de copa do mundo e de eleições. 16(273):4 p., encarte, jan./fev.

SAMPAIO, Plínio de Arruda; RAMALHO, Jether Pereira. *Brasil, eleições 94: uma história que gira em falso*. 16(274):4 p., encarte, mar./abr.

SANTA ANA, Julio de. *Anomalias e paradigmas numa época de transição*. 16(276):5-7, jul./ago.

SANTILLI, Márcio. *A lei e a selva*. 16(278):25-6, nov./dez.

SCHILLING, Paulo R. *Polarização social no Brasil*. 16(273):21-2, jan./fev.

SCHWANTES, Milton. *Com a bíblia na esquina*. 16(278):40-2, nov./dez.

SERRA, Ordep. *O povo de santo e o mundo da festa*. 16(275):15-7, mai./jun.

SILVA, Diomedes Cesário da. *Empresas estatais e privatização*. 16(273):25-7, jan./fev.

SOARES, Maria Clara Couto. *O Brasil e as novas regras do comércio internacional*. 16(277):8-10, set./out.

SOUZA, Herbert de. *Pela ética no trabalho*. 16(274):29-30, mar./abr.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *Reaprender a pensar um mundo plural e diferente*. 16(276):19-22, jul./ago.

SOUZA, Sonia Bastos de; HEES, Dora Rodrigues. *Novo retrato populacional do Brasil*. 16(273):5-8, jan./fev.

TOURAINÉ, Alain. *A escolha de um modelo: democracia ocidental ou autoritarismo asiático?* 16(277):11-3, set./out.

VASCONCELOS, Pedro Lima. *Belezas e prazeres messiânicos*. 16(275):37-8, mai./jun.

VAZ, Jame Falconi F. *Luz e dores?* 16(273):37-8, jan./fev.

VAZ, Jane Falconi F.; ADRIANO FILHO, José. *A perigosa imagem do poder*. 16(277):38-9, set./out.

VILLAS BOAS, Gláucia. *A produção intelectual brasileira e seus desafios*. 16(274):21-2, mar./abr.

ZALUAR, Alba. *Violência e criminalidade*. 16(277):16-8, set./out.

Assuntos

África

APELO em favor de Ruanda. 16(278):38-9, nov./dez.

DARCH, Colin. *Vitória da dignidade*. 16(275):35-6, mai./jun.

RAMALHO, José Ricardo; FRY, Peter. *Mozambique: transição para a democracia*. 16(274):35-7, mar./abr.

América Latina

CASTILLO, Fernando. *A apatia chilena: eleições e projeção política*. 16(273):32-3, jan./fev.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. *Cuba: esperança e solidariedade*. 16(277):34-5, set./out.

Arte

ALVES, Rubem. *Tempus Fugit; carpe diem: o tempo foge; curta o dia*. 16(275):22-5, mai./jun.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *"O sertão é dele": algumas imagens de Deus e outros em João Guimarães Rosa*. 16(275):18-21, mai./jun.

MACIEL, Elter Dias. *Dimensões do pensamento*. 16(275):5-7, mai./jun.

MARASCHIN, Jaci. *Arte e teologia*. 16(275):8-11, mai./jun.

Assuntos Diversos

IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. *Modernidade, pós-modernidade, utopia*. 16(276):11-2, jul./ago.

SANTA ANA, Julio de. *Anomalias e paradigmas numa época de transição*. 16(276):5-7, jul./ago.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *Reaprender a pensar um mundo plural e diferente*. 16(276):19-22, jul./ago.

Bíblia

- GRILLO, José Geraldo Costa. *Deus pede conta à cidade*. 16(276):29-30, jul./ago.
- REIMER, Haroldo. *Exemplos para a justiça: sobre elites na bíblia*. 16(274):41-2, mar./abr.
- SCHWANTES, Milton. *Com a bíblia na esquina*. 16(278):40-2, nov./dez.
- VASCONCELOS, Pedro Lima. *Belezas e prazeres messiânicos*. 16(275):37-8, mai./jun.
- VAZ, Jame Falconi F. *Luz e dores?* 16(273):37-8, jan./fev.
- VAZ, Jane Falconi F.; ADRIANO FILHO, José. *A perigosa imagem do poder*. 16(277):38-9, set./out.

CEDI

- ALVES, Rubem. *As velhas casas ...* 16(276):3-4, encarte, jul./ago.
- BALCÃO, Nilde. *A trajetória do CEDI no movimento sindical*. 16(278):18-20, nov./dez.
- BALDUINO, Tomás. *O CEDI e a diocese de Goiás*. 16(274):34, mar./abr.
- BOTAS, Paulo César Loureiro. *O CEDI foi muito mais*. 16(275):33-4, mai./jun.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Do outro lado da América*. 16(274):31-2, mar./abr.
- CEDI. *Programa de Assessoria à Pastoral. Revisitando um trabalho ecumênico*. 16(278):30-2, nov./dez.
- CUNHA, Diana Anorovich. *CEDI: convívio solidário e construtivo*. 16(277):32, set./out.
- DIAS, Zwinglio Mota. *CEDI: onde o diferente sempre lutou para não ser o contrário*. 16(274):33, mar./abr.
- ESTERCI, Neide. *Um programa em sintonia com seu tempo*. 16(278):27-9, nov./dez.
- MARTINS, Heloísa de Souza. *Compromisso, ousadia e sonho*. 16(275):31-3, mai./jun.
- MATTOS, Paulo Ayres. *A ousadia de superar-se multiplicando-se*. 16(276):1-3, encarte, jul./ago.
- RAMALHO, Jether Pereira. *Quebra-se o vaso; nascem novas plantas*. 16(273):28-31, jan./fev.
- RIBEIRO, Vera M. Masagão: HADDAD, Sérgio. *Educação popular: entre o passado e o futuro*. 16(278):14-7, nov./dez.
- RICARDO, Carlos Alberto. *Epílogo de uma síntese dissonante*. 16(277):29-31, set./out.
- _____. *Povos indígenas 1974/1994: de "ví-*

timas do milagre" a "aliados para o futuro" — Ensaio fotográfico. 16(278):21-4, nov./dez.

Democracia

- CHEIBUB, Zairo B. *Elites sociais: definição e implicações para a democracia*. 16(274):5-7, mar./abr.
- RAMALHO, José Ricardo; FRY, Peter. *Moçambique: transição para a democracia*. 16(274):35-7, mar./abr.
- TOURAINÉ, Alain. *A escolha de um modelo: democracia ocidental ou autoritarismo asiático?* 16(277):11-3, set./out.
- Discriminação**
- BARSTED, Leila de Andrade Linhares. *A revisão da modernidade a partir dos desafios de gênero e raça*. 16(276):16-8, jul./ago.

Economia

- AMORIM, Maria Stella de. *Tecnocracia: saber ou poder?* 16(274):23-5, mar./abr.
- CAMARGO, José Márcio. *Inflação ou desemprego*. 16(277):24-6, set./out.
- MINELLA, Ary. *Os vilões da crise*. 16(274):13-5, mar./abr.
- MO SUNG, Jung. *Novo paradigma econômico*. 16(276):13-5, jul./ago.
- SCHILLING, Paulo R. *Polarização social no Brasil*. 16(273):21-2, jan./fev.
- SILVA, Diomedes Cesário da. *Empresas estatais e privatização*. 16(273):25-7, jan./fev.
- SOARES, Maria Clara Couto. *O Brasil e as novas regras do comércio internacional*. 16(277):8-10, set./out.

Ecumenismo

- BUSCANDO novos caminhos para o ecumenismo. 16(274):40, mar./abr.
- GARCIA, Paulo Roberto Salles. *Jornada nas estrelas*. 16(278):33-5, nov./dez.
- MATTOS, Paulo Ayres. *Histórica reunião ecumênica na África do Sul*. 16(273):36, jan./fev.

Educação

- RIBEIRO, Vera M. Masagão: HADDAD, Sérgio. *Educação popular: entre o passado e o futuro*. 16(278):14-7, nov./dez.

Elite

- AMORIM, Maria Stella de. *Tecnocracia: saber ou poder?* 16(274):23-5, mar./abr.
- BASTOS, Suely. *Do conservadorismo da*

crítica à representação. 16(274):16-8, mar./abr.

BRUNO, Regina. *ABAG: a nova face das elites agroindustriais*. 16(274):11-2, mar./abr.

CHEIBUB, Zairo B. *Elites sociais: definição e implicações para a democracia*. 16(274):5-7, mar./abr.

DINIZ, Eli. *O empresariado diante das próximas eleições*. 16(274):8-10, mar./abr.

MINELLA, Ary. *Os vilões da crise*. 16(274):13-5, mar./abr.

PRESSBURGER, T. Miguel. *Elites dominantes: o judiciário*. 16(274):19-20, mar./abr.

REIMER, Haroldo. *Exemplos para a justiça: sobre elites na bíblia*. 16(274):41-2, mar./abr.

VILLAS BOAS, Gláucia. *A produção intelectual brasileira e seus desafios*. 16(274):21-2, mar./abr.

Espiritualidade

- ALVES, Rubem. *Alegria*. 16(273):34-5, jan./fev.
- _____. *Mula-sem-cabeça*. 16(278):36-7, nov./dez.
- _____. *O prazer*. 16(274):38-9, mar./abr.
- _____. *Piracema ou piração*. 16(277):36-7, set./out.
- BOTAS, Paulo César Loureiro. *A erótica do arrebatamento*. 16(275):28-30, mai./jun.
- GEBARA, Ivone. *Das curas e feridas do amor*. 16(275):26-7, mai./jun.

Estado

SILVA, Diomedes Cesário da. *Empresas estatais e privatização*. 16(273):25-7, jan./fev.

Ética

- MERCADANTE OLIVA, Aloízio. *Resgate da cidadania e da ética*. 16(274):26-8, mar./abr.
- SOUZA, Herbert de. *Pela ética no trabalho*. 16(274):29-30, mar./abr.

Etnias

NIILUS, Leopoldo J. *Desafio e vitalidade dos movimentos étnico-nacionais*. 16(277):5-7, set./out.

Melo Ambiente

- MENEZES, Lais. *Crise ambiental*. 16(276):23-5, jul./ago.
- RECH, Daniel. *O direito das águas*. 16(277):27-8, set./out.

Mulher

MORAES, Maria Lygia Quartim de. *Mulher e família na sociedade brasileira*. 16(273):14-5, jan./fev.

VAZ, Jame Falconi F. *Luz e dores?* 16(273):37-8, jan./fev.

Pastoral

CEDI. Programa de Assessoria à Pastoral. *Revisitando um trabalho ecumênico*. 16(278):30-2, nov./dez.

IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. *Sonhar é enfrentar a exclusão*. 16(278):11-3, nov./dez.

Política

AMORIM, Maria Stella de. *Tecnocracia: saber ou poder?* 16(274):23-5, mar./abr.

BASTOS, Suely. *Do conservadorismo da crítica à representação*. 16(274):16-8, mar./abr.

BRASIL; eleições 94. 16(275): 4 p., encarte, mai./jun.

BRUNO, Regina. *ABAG: a nova face das elites agroindustriais*. 16(274):11-2, mar./abr.

CASTILLO, Fernando. *A apatia chilena: eleições e projeção política*. 16(273):32-3, jan./fev.

DINIZ, Eli. *O empresariado diante das próximas eleições*. 16(274):8-10, mar./abr.

KUSCHNIR, Karina. *O significado do voto*. 16(277):19-20, set./out.

MARTINS, Beatriz Araújo. *Brasil, eleições 94: grandes questões nacionais — como pensam os principais candidatos*. 16(276): 4 p., encarte, jul./ago.

MERCADANTE OLIVA, Aloízio. *Resgate da cidadania e da ética*. 16(274):26-8, mar./abr.

PADRÃO, Luciano Nunes. *União Européia: notas de um diálogo*. 16(277):14-5, set./out.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *Crise dos paradigmas: abandono ou reinvenção?* 16(276):8-10, jul./ago.

SADER, Emir. *FHC: amálgama do novo e do velho*. 16(277):21-3, set./out.

SADER, Emir; RAMALHO, Jether Pereira; COSTA, Beatriz. *Brasil, eleições 94: ano de copa do mundo e de eleições*. 16(273):4 p., encarte, jan./fev.

SAMPAIO, Plínio de Arruda; RAMALHO, Jether Pereira. *Brasil, eleições 94: uma história que gira em falso*. 16(274):4 p., encarte, mar./abr.

População

CAMURÇA, Maurício. *Diversidade religiosa: realidade que se impõe*. 16(273):19-20, jan./fev.

HEES, Dora Rodrigues; SOUZA, Sonia Bastos de. *Novo retrato populacional do Brasil*. 16(273):5-8, jan./fev.

MONTEIRO, John Manuel. *A dança dos números: a população indígena do Brasil desde 1500*. 16(273):17-8, jan./fev.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. *Mulher e família na sociedade brasileira*. 16(273):14-5, jan./fev.

PEREIRA, Maurício Broinizi. *Mudanças no mundo do trabalho*. 16(273):12-3, jan./fev.

ROGEL, Guillermo; IÓRIO, Maria Cecília. *Campo, urbanização e desenvolvimento*. 16(273):9-11, jan./fev.

SCHILLING, Paulo R. *Polarização social no Brasil*. 16(273):21-2, jan./fev.

_____. *Um panorama em mudança*. 16(273):23-4, jan./fev.

Povos Indígenas

MONTEIRO, John Manuel. *A dança dos números: a população indígena do Brasil desde 1500*. 16(273):17-8, jan./fev.

RICARDO, Carlos Alberto. *Povos indígenas 1974/1994: de "vítimas do milagre" a "aliados para o futuro" — Ensaio fotográfico*. 16(278):21-4, nov./dez.

SANTILLI, Márcio. *A lei e a selva*. 16(278):25-6, nov./dez.

Questão Agrária

BRUNO, Regina. *ABAG: a nova face das elites agroindustriais*. 16(274):11-2, mar./abr.

ESTERCI, Neide. *Um programa em sintonia com seu tempo*. 16(278):27-9, nov./dez.

IÓRIO, Maria Cecília; MEDEIROS, Leonilde Sêrvolo de. *Trabalhadores do campo: redefinindo relações*. 16(278):8-10, nov./dez.

Religião/religiosidade

BOFF, Leonardo. *O que salva o povo é a mística*. 16(275):12-4, mai./jun.

CAMURÇA, Maurício. *Diversidade religiosa: realidade que se impõe*. 16(273):19-20, jan./fev.

SERRA, Ordep. *O povo de santo e o mundo da festa*. 16(275):15-7, mai./jun.

Sindicalismo

BALCÃO, Nilde. *A trajetória do CEDI no*

movimento sindical. 16(278):18-20, nov./dez.

Teologia

BINGEMER, Maria Clara L. *A teologia: vulnerabilidade da razão*. 16(276):26-8, jul./ago.

MARASCHIN, Jaci. *Arte e teologia*. 16(275):8-11, mai./jun.

Trabalho

IÓRIO, Maria Cecília; MEDEIROS, Leonilde Sêrvolo de. *Trabalhadores do campo: redefinindo relações*. 16(278):8-10, nov./dez.

PEREIRA, Maurício Broinizi. *Mudanças no mundo do trabalho*. 16(273):12-3, jan./fev.

RAMALHO, José Ricardo. *Mudanças no trabalho e desafios sociais*. 16(278):5-7, nov./dez.

SOUZA, Herbert de. *Pela ética no trabalho*. 16(274):29-30, mar./abr.

Violência

ZALUAR, Alba. *Violência e criminalidade*. 16(277):16-8, set./out.

Resenhas

BEOZZO, José Oscar. *A Igreja no Brasil: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo*. Petrópolis: Vozes, 1993. 342 p. 16(275):39, mai./jun.

ESTERCI, Neide. *Escravidão da desigualdade: estudo sobre o uso repressivo da força de trabalho hoje*. Rio de Janeiro: CEDI/Koinonia, 1994. 136 p. 16(278):43, nov./dez.

MARTINS, Heloísa de Souza; RAMALHO, José Ricardo, orgs. *Terceirização: diversidade e negociação no mundo do trabalho*. São Paulo: CEDI-NETS/Hucitec, 1994. 235 p. 16(274):43, mar./abr.

NOVAES, Regina Reyes. *Nordeste, Estado e sindicalismo: o PAPP em questão*. Rio de Janeiro: Cedi, 1994. 104 p. 16(273):39, jan./fev.



“TU ME SEDUZISTE, JAVÉ, E EU ME DEIXEI SEDUZIR”

José Adriano Filho

Avocação divina faz o profeta. É o início de uma vida diferente. Isto é indicado pelos relatos de vocação profética: Moisés (Êxodo 3-4), Ezequiel (1-3), Isaías (6) e Jeremias (1). Em situação de luta e disputa os profetas recorrem à própria vocação (1 Reis 22.19-28; Amós 7.14-15). Nestas passagens o relato de vocação tem a função de contestar os adversários e legitimar o seu anúncio contra Judá e Israel.

Assim, a atividade profética será conflitiva. Nela se explicita o conflito no nível da luta entre opressores e oprimidos. Ela existe “para arrancar e derribar” e “para

edificar e plantar” (Jeremias 1.10). Julga a opressão e a idolatria e afirma a derrocada dos causadores da ruína dos fracos. Por isso, a verdadeira palavra profética entra em confronto com o poder estabelecido e traz sofrimento.

Isso aconteceu com Jeremias. Quando ele falou contra o templo, anunciou-lhe a destruição e a rejeição da nação, desafiou os interesses dos centros do poder e arriscou a própria vida.

As suas confissões, situadas entre os capítulos 7-26, proferidas nos primeiros quatro anos do governo de Joaquim (609-605 a.C.), refletem a situação de perseguição

a Jeremias por causa da sua posição assumida diante do templo (7.8-15), dos falsos profetas (21-23) e da cidade de Jerusalém (19-20). Sacerdotes, profetas e funcionários públicos estão contra o profeta (18.18-23); “abrem covas para o pegar e armadilhas para os seus pés” (18.22); açoitam-no e o colocam no tronco (20.16). Isso mostra que suas confissões são um reflexo interno do que está acontecendo externamente. Na resposta de Javé entra em jogo a dimensão da vida do próprio profeta e do povo que o apóia. O profeta é resgatado em meio ao conflito.

SOLIDÃO

Em Jeremias (15.16-20) o profeta desenvolve as suas idéias sobre a solidão e fala do conteúdo da sua missão. Daí decorre o transtorno em sua relação com as pessoas. Javé o encheu de ira, e desta ele tem que ser portador e instrumento, como de um corpo estranho que nele se introduziu. Precisa reprimir e ameaçar, bem como renunciar à liberdade dos seus afetos naturais. Esta missão, que tem ori-



gem nos desígnios de Deus — “Desde o ventre materno te conheci e te constituí profeta às nações” (1.5) —, lhe prepara dores. Não há um fim previsível e contra isto o profeta se rebela. Da mesma maneira que uma corrente de água seduz a um rebanho, assim Deus seduziu a Jeremias. Durante certo tempo tudo esteve bem, depois resultou em engano. Rompeu-se a confiança. Jeremias quer deixar o ofício profético, tornar-se um cidadão entre os cidadãos. Mas, não deve fazê-lo. As outras pessoas não devem se transformar em seu ponto de referência.

Em Jeremias (11.18-12.6) a queixa tem como tema a vingança, o “porquê” dos opressores não serem destruídos. A sua própria casa o persegue (a casa sacerdotal está vinculada ao templo). Os interesses de Jeremias não coincidem mais com os da sua casa. Está angustiado devido a seu problema e escuta que não sabe absolutamente nada de Deus. “Se a corrida com os caminhantes te cansa, como queres competir com cavalos? Em uma terra de paz te sentes seguro, mas como farás no matagal do Jordão?” É chamado à obediência.

VISÕES

Jeremias (8.18-23) descreve uma grande inquietação interior. Passam diante do profeta visões aterradoras. Ao grito de angústia do seu povo (19a), ele ouve algo como se fosse uma resposta divina (19b). Talvez a cura para o povo possa ser encontrada, se não em Javé, pelo menos em alguma outra parte. Estas imagens apresentam uma tragédia que se desenvolve em muitos atos: a necessidade, o problema com Deus, a decisão de buscar nele uma resposta, o dito divino com a rejeição da petição e a situação de total desconsolo. “A colheita passou, o verão acabou, e nós não fomos salvos!” (20). Este lamento apresenta um quadro essencialmente profundo das dores de Jeremias. O profeta reage ao dismantelamento de Sião indicado pela profecia e ao fato do templo ter que ser arruinado.

Em Jeremias (20.7-18) o profeta está sendo perseguido e escarnecido. A sedução é a sua vocação. Ele se queixa diante de Deus por causa da sua debilidade. Sua acusação se dirige diretamente contra Deus por torná-lo escárnio para todo o mundo. Confessa com sinceridade os pensamentos que lhe vêm à mente: Deus deve buscar outra pessoa, ele não quer mais ocupar-se da tarefa profética. A confissão termina num esgotamento quase mortal: “Estou cansado de suportar, não posso mais” (9c). A relação de Deus com o homem é posta em nível profundo da experiência humana. A responsabilidade profética e a obediência são sentidas como um problema de força.

Em Jeremias (20.14-18) a queixa do profeta refere-se a um momento da vida: o nascimento. É noite completa em sua vida. Ele rejeita a própria vida e a si mesmo em protesto a Deus. Amaldiçoa o dia do seu nascimento e indigna-se contra a providência divina. A maldição é tão tremenda que al-

cança o homem que levou a seu pai a notícia do nascimento, pensando que anunciava uma alegria. Seu desejo era o de ter morrido no ventre materno ou que sua mãe continuasse grávida eternamente. A vida se apresenta a Jeremias em trabalho, dor e afronta. Tudo nele está desfeito. Arrasta pai, mãe e o amigo da casa aos seus lamentos. A morte era a solução para os seus problemas. “Aqui encontramos toda uma escala de males psíquicos/humanos: medo ante a afronta, espanto diante do fracasso, desalento sobre a própria força, dúvida sobre os princípios da fé, solidão, compaixão, decepção até chegar quase ao ódio a Deus” (von Rad). O desespero irrompe em seu interior e cresce visivelmente em suas confissões. Ocupa-se com ele até o esgotamento e tem que suportar essa dor.

PROFECIA

Jeremias fala a partir da sua função profética. A sua alma, vida subjetiva e experiência se encontram no centro do seu lamento. Seu sofrimento tem dois motivos: o efeito que a profecia faz (está demolindo) e a crescente perseguição ao profeta (a verdadeira profecia sempre ameaça algum tipo de poder estabelecido). “Jeremias é um sinal do que está por vir e nos ensina a conhecer o ofício de mediador de Cristo em toda a sua profundidade. O que se descreve das dores que emanam de tal ofício — desde a escolha entre a alegre comunidade humana até o último caminho em direção à noite do abandono de Deus — é uma sombra e imagem do futuro e perfeito serviço de mediação” (von Rad).

José Adriano Filho, presbiteriano, é mestre em Ciências da Religião e integra a equipe de KOINONIA Presença Ecológica e Serviço.

A RENÚNCIA AOS ESTEREÓTIPOS

Carlos Alberto Messeder Pereira

O MITO DA MASCULINIDADE
Sócrates Nolasco
Rocco, 192 páginas, 14x21cm

Uma reflexão sobre a condição masculina contemporânea”, é assim que Sócrates Nolasco, autor do livro *O mito da masculinidade*, define, de modo bastante abrangente, a perspectiva geral de seu trabalho. Adiante acrescenta: “o estereótipo do macho [faz] crer ao indivíduo que um homem se faz sob sucessivos absolutos: nunca chora; tem que ser o melhor; competir sempre; ser forte; jamais se envolver afetivamente; e nunca renunciar. É a este último modelo que os homens estão procurando renunciar.” Como pensar contemporaneamente a questão do masculino sem cair nas armadilhas de uma ótica patriarcal e machista cuja crise já se afigura com clareza crescente no horizonte da vida cotidiana de numerosos homens (e mulheres, é claro)? Este é o campo temático que o livro de Sócrates Nolasco trabalha. Em pauta, mais uma vez, a intrincada e sedutora questão do gênero, encarada agora do ângulo do masculino.

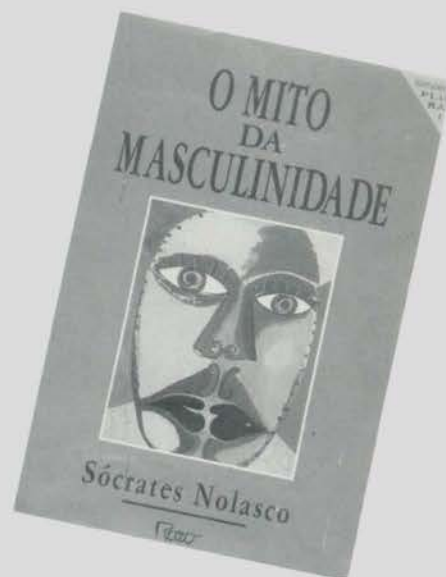
Se, até pouco tempo atrás, o campo do masculino aparecia aos nossos olhos como o sólido terreno de certezas inquestionáveis, o mesmo já não pode ser, ingênua e simplesmente, afirmado hoje. [...] No momento em que fronteiras e paradigmas se fragilizam de modo cada vez mais irremediável, o masculino entra em questão.

A “perspectiva de gênero” apresenta-se, atualmente, como um dos caminhos privilegiados de análise.

Existe, em boa parte da produção teórica contemporânea, o que se poderia designar como uma “consciência do gênero”, o que se traduz numa valorização desta perspectiva na busca de uma compreensão mais acertada e nuançada [...].

Ao tentar situar os momentos iniciais deste processo de discussão e crítica, pelos próprios homens, dos princípios gerais que sustentariam o perfil de uma identidade masculina tradicional, o Autor afirma: “(...) a crise na identidade dos homens se inicia com a crise no mundo do trabalho e da família e não com o feminismo”. Embora, pessoalmente, acredite que, ao longo do tempo, aquilo que começa a chamar-se de “movimento de homens” terá que acertar as contas de seu débito tanto com relação ao feminismo quanto com o movimento gay — e isto, pelo menos, na medida em que ambos contribuíram decisivamente para colocar em pauta a questão do gênero, para não falar do impacto de ambos no cotidiano de diferentes “homens” — acho importante esta “distância tática” que o Autor estabelece, principalmente em relação ao feminismo, bem como a afirmação relativa ao peso da crise no mundo do trabalho para deslanchar o questionamento em torno do masculino.

A partir da discussão da relação dos homens com o “mundo do trabalho”, o Autor persegue vários outros eixos temáticos como a sensualidade, a intimidade, a relação com a guerra, as relações com as



mulheres, a paternidade, sempre em busca de uma maior elucidação da natureza e da amplitude dessa crise contemporânea do “masculino” bem como na tentativa de desenhá-lo pelo menos os grandes contornos do perfil deste “novo homem” que estaria começando a despontar no horizonte não apenas do cotidiano social mas também no debate intelectual [...]. As discussões apenas se iniciam; os caminhos, tanto no campo da teoria quanto da militância, não são, como de hábito, nada fáceis e, neste sentido, o livro de Sócrates Nolasco pode ser um excelente começo. O assunto, certamente, será retomado em breve de modo não menos apaixonado. Daqui para a frente, pelo visto, os homens vão falar!

Carlos Alberto Messeder Pereira é antropólogo e professor da Escola de Comunicação da UFRJ.
(2ª edição no prelo).

Jurandir Freire Costa

Ivone Gebara

Leonardo Boff

Rubem Alves

Marcelo Barros

Ordep Serra

Rafael Soares de Oliveira

Sócrates Nolasco